

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO**

HISTÓRIA

ROSEANE FEITOZA DE BARROS

**DIÁLOGOS ENTRE A TOPONÍMIA E A HISTÓRIA DAS COMUNIDADES
QUILOMBOLAS DE ÁGUA BRANCA-AL.**

**Delmiro Gouveia - AL
Julho 2017**

Roseane Feitoza de Barros

**DIÁLOGOS ENTRE A TOPONÍMIA E A HISTÓRIA DAS COMUNIDADES
QUILOMBOLAS DE ÁGUA BRANCA-AL**

Trabalho de conclusão de curso (TCC),
requisito para grau acadêmico em Licenciatura
em História, na Universidade Federal de
Alagoas – Campus do Sertão.

Orientadora: Dra. Carla Taciane Figueiredo

Coorientador: Ms. Cezar Alexandre Neri
Santos

Delmiro Gouveia - AL
Julho 2017

B277d Barros, Roseane Feitoza de

Diálogos entre a toponímia e a história das comunidades quilombolas de Água Branca-AL / Roseane Feitoza de Barros. – 2017.

74f.: il.

Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2017.

Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Carla Taciane Figueiredo.

1. Comunidades Quilombolas. 2. Toponímia. I. Título.

CDU 981

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Campus Sertão/
UFAL – Delmiro Gouveia

Folha de Aprovação

Roseane Feitoza de Barros

DIÁLOGOS ENTRE A TOPONÍMIA E A HISTÓRIA DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE ÁGUA BRANCA-AL

Trabalho de conclusão de curso (TCC)
submetido ao corpo docente da Universidade
Federal de Alagoas – Campus do Sertão. Em
24 de julho de 2017.

Banca Examinadora:

Carla Taciane Figueiredo

Dra. Carla Taciane Figueiredo – Orientadora
UFAL – Campus do Sertão

Cezar Alexandre Neri dos Santos

Msc. Cezar Alexandre Neri dos Santos – Coorientador
UFAL – Campus do Sertão

Aruã Silva de Lima

Dr. Aruã Silva de Lima - Avaliador Interno
UFAL – Campus do Sertão

Laise Soares Lima

Msc. Laise Soares de Lima – Avaliadora Externa
UFAL – Campus do Sertão

A Deus, Santíssima Trindade, Espírito Santo que me criou, me guiou e guia sempre, mantém-me firme e ilumina. Agradeço a minha mãe e meu pai, que são o motivo e inspiração da minha vida, e a Mãe Rainha que também é mãe.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus Espírito Santo por sempre me conduzir. Aos meus pais Luiz e Geruza (*in memórian*). Lembrar-me de minha mãe é meu maior incentivo. Ao meu esposo José Henrique por toda ajuda, paciência e amor para comigo, meus 14 irmãos, os quais faço questão de citar: Rosângela, Solange, Antônio, Rita (pelo abrigo e amor), José Cicero (por ser companheiro de estudo), Gedalva, Joselia, Maria Aparecida, Maria José, Luzinete, Selma, Maria do Socorro, Maria Francisca e José Luiz, por serem presença de Deus em minha Vida.

Aos meus tios, tias e avôs, por toda ajuda, e em especial a Maria de Lurdes (*in memórian*), por todo suporte que me deu, para poder fazer uma faculdade.

Com muita gratidão também agradeço a minha orientadora Carla Taciane por toda a disponibilidade na orientação e por ser mais que uma orientadora, sendo também, se me permite dizer, uma *amiga*, e ao professor Cezar Neri, pela coorientação tão indispensável e pela pronta disponibilidade sempre demonstrada.

A toda a minha querida turma, que sempre demonstrou que a união faz a força e a todos os meus professores desde as séries iniciais. Especialmente os da universidade que com os conhecimentos que me transmitiram conseguiram mostrar novas formas de compreensão da vida.

A minha prima Magna Barros por toda ajuda que me deu. Enfim a todos os que consegui lembrar e também aqueles que mesmo não citados foram de fundamental importância. Deus lhes pague.

RESUMO

Esta investigação, em seu objetivo geral, fundamentou-se em analisar através do estudo da Toponímia, a História Cultural das motivações dos nomes das comunidades remanescentes quilombolas do município de Água Branca- AL. Especificamente, realizou-se a análise dos motivadores da nomeação destes lugares, com os relatos orais, auxiliados por uma perspectiva enciclopédica, objetivando efetivar um estudo da Toponímia destas comunidades, fundamental para a definição do topônimo. Por fim, sistematizamos as informações através do preenchimento das fichas lexicográficas para efetivar os objetivos propostos. Os procedimentos heurísticos da pesquisa fundamentaram-se nos princípios metodológicos da História Oral, tendo a Toponímia como sua principal fonte histórica juntamente com a fonte oral. Por meio das fichas lexicográficas, catalogamos, classificamos e interpretamos os topônimos. A perspectiva metodológica ainda contou com os instrumentos de coleta de dados, como entrevistas semiestruturadas com alguns dos moradores mais antigos destas comunidades. O fio condutor teórico da Toponímia fundamentou-se em Dick (1987) Seabra (2004), Carvalho (2012) e outros. Com relação à elaboração da ficha lexicográfica no campo da Toponímia, dialogou com as ideias de Dick (2004). As técnicas da História Oral tem por base Ferreira e Amado (2006), e, na perspectiva da História Cultural, Burke (2008). Os resultados explicitados na classificação taxonômica apontam dois litotopônimo (Cal e Barro Preto), um hidrotopônimo (Lagoa das Pedras), um geomorfotopônimo (Serra das Viúvas), um antropotopônimo (Moreira de Baixo). Assim, consideramos o signo do topônimo numa perspectiva etnolinguística, tanto em seu aspecto estrutural – grafia, forma, origem –, quanto discursivo – semântico-histórico. A compreensão do processo de nomeação desses lugares se fundamenta em vários elementos, dentre eles podemos destacar aspectos étnicos raciais, vínculo da nomeação do lugar com o processo produtivo de matéria prima para construção civil (a Cal), principalmente para obra da CHESF, a qual retirava aproximadamente quatrocentas caçambas de cal por semana, ainda no processo de nomeação deste povoado percebe-se uma flexibilização territorial, tendo em vista a confusão nos limites entre Cal e Lagoa das Pedras. Referindo-se ao geomorfotopônimo Serra das Viúvas pode-se afirmar que a origem vincula-se hipoteticamente à presença do cangaço na região. A análise dos dados referentes ao litotopônimo do Barro Preto explicita uma sobreposição territorial entre as comunidades tradicionais, indígena e quilombola. O antropotopônimo Moreira de Baixo no seu sentido denotativo tem origem portuguesa, e os sujeitos pesquisados informam o desconhecimento da origem do nome. Ressaltam, entretanto, a importância da tradição oral para a preservação da memória coletiva sobre a origem do nome. Com relação ao hidrotopônimo Lagoa das Pedras, percebe-se que sofreu uma influência da caracterização geográfica do lugar e principalmente do aspecto da paisagem em sua nomeação.

PALAVRAS-CHAVE: Toponímia; História; Comunidades quilombolas; Água Branca- AL.

ABSTRACT

This research has the objective of analyzing, by means of toponymy and Cultural History, the motivations for the names of the remaining quilombola communities in the municipality of Água Branca-AL. Such motivations will be analyzed from an encyclopedic perspective, with the support of oral reports, which are fundamental for the definition of the toponym. Finally, we systematize the information by means of the completion of lexicographical sheets to achieve the proposed objectives. The heuristic procedures of the research are based on the methodological principles of oral history and toponymy. Through the lexicographical-toponymical sheets, we catalog, classify and interpret toponyms. The methodological approach relies on the instruments of data collection, such as semi-structured interviews with some of the older residents of these communities. The theoretical approach is based on Dick (1987), Seabra (2004), Carvalho (2012) and others. With regards to the preparation of the lexicographical record in the field of toponymy, we dialogued with the ideas of Dick (2004). The techniques of oral history are based on Ferreira and Amado (2006), from the perspective of Cultural History, especially Burke (2008). The results explained in the taxonomic classification indicate two litho-toponyms (*Cal* and *Barro Preto*), a hydro-toponym (*Lagoa das Pedras*), a geomorph-toponym (*Serra das Viúvas*), an anthropo-toponym (*Moreira*). Thus, we consider the sign of the toponym in an ethnolinguistic perspective, both in its structural aspect - spelling, form, origin - and discursive - semantic-historical. The understanding of the processes of naming these places is based on several elements, among them we can highlight racial ethnic aspects and appointment of the place with the productive process of raw material for civil construction, mainly for CHESF's work, which removed approximately four hundred buckets of lime (*Cal*) per week. In the process of naming this settlement there is a territorial flexibilization, in view of the confusion in the limits between *Cal* and *Lagoa das Pedras*. Referring to *Serra das Viúvas* geomorph-toponym, it can be affirmed that the origin is hypothetically linked to the presence of *cangaço* in the region. The analysis of the data referring to the litho-toponym of *Barro Preto* makes explicit a territorial overlap between the traditional, indigenous and quilombola communities. The anthropo-toponym *Moreira de Baixo* in its denotative sense has Portuguese origin and the subjects interviewed informed the ignorance of the origin of the name. However, they emphasized the importance of the oral tradition for the preservation of the collective memory about the origin of the name. Regarding the hydro-toponym *Lagoa das Pedras*, one can see that it had influence of the geographical characterization of the place in its appointment.

KEY WORDS: Toponymy; Quilombola communities; Água Branca- AL.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E ESPACIAL DO <i>LOCUS</i> DE PESQUISA.....	11
1.1 O Nordeste.....	11
1.2 Água Branca: uma entre tantas cidades no Nordeste	12
1.3 Comunidades remanescentes quilombolas	13
CAPÍTULO II: CONSTRUCTOS TEÓRICOS	18
2.1 A Toponímia como uma ciência e sua perspectiva interdisciplinar	18
2.1.1 Taxonomia da Toponímia.....	19
2.1.2 Toponímia como fonte de pesquisa da História Cultural	21
2.2 História Cultural	25
2.3 O conceito de <i>lugar e território</i>	28
CAPÍTULO III – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	30
3.1 Fonte oral.....	30
3.2 Pesquisa descritiva exploratória	35
3.3 Catalogação dos dados: modelo de ficha lexicográfica.....	36
CAPÍTULO IV – DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	38
4.1 Comunidade Serra das Viúvas.....	38
4.2 Comunidade Barro Preto	43
4.3 Comunidade Moreira de Baixa.....	47
4.4 Comunidade Cal.....	51
4.5 Comunidade Lagoa das Pedras.....	56
4.6 Análise dos dados.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	69
APÊNDICE - Registros da pesquisa de campo.....	71

INTRODUÇÃO

A origem desta pesquisa fundamenta-se a partir das inquietações iniciais oriundas da minha participação na condição de bolsista do PAINTER (Programa de Ações Interdisciplinares) no projeto intitulado: “A memória toponímica no município de Delmiro Gouveia- AL: estudos interdisciplinares”. Esta experiência possibilitou conhecer o estudo da Toponímia, e, dialogando com a História, permitiu estudar os topônimos das comunidades remanescentes quilombolas de Água Branca- AL.

Neste estudo, realizou-se análise das motivações dos nomes das comunidades quilombolas do município de Água Branca, que se encontra localizado no Estado de Alagoas, Brasil. Através do estudo da Toponímia compreendeu-se parte da História Cultural de tais comunidades, através do indicativo nas motivações destas. Tendo em vista a Toponímia como campo de estudo o qual estuda a origem dos nomes, torna-se possível utilizá-la como uma fonte de pesquisa. A efetivação da pesquisa, com relação ao campo da Toponímia, utilizou como referência os seguintes autores: Dick (1987), Seabra (2004), Santos (2005), Carvalho (2012), Brasil (2005), Santos (2012).

Os procedimentos heurísticos da pesquisa estruturam-se no método etnográfico. Um dos instrumentos imprescindíveis para atingir os objetivos foi o preenchimento das fichas lexicográficas realizadas através das informações enciclopédicas referentes àquilo que já se tem de conhecimento escrito sobre os topônimos de tais comunidades e das entrevistas com os moradores mais antigos destas comunidades que aceitaram ser entrevistados. O critério definidor na escolha dos sujeitos pesquisados foi a idade acima de 50 anos, e pessoas que sempre moraram na comunidade ou vivem a mais de 40 anos na mesma. Porém, nos casos onde não foram encontrados moradores com este perfil (disponíveis a serem entrevistados), optou-se por entrevistar pessoas que, mesmo nunca tendo morado na comunidade, tenham mais de 70 anos, que tenham certo grau de parentesco com os primeiros moradores da comunidade analisada e que soubessem informar fatos relevantes da história da comunidade. Mediante o instrumento de entrevistas semi-estruturadas, realizou-se a pesquisa, a partir dos critérios expostos, e com fundamento nos princípios da História Oral. Nesse sentido, a História Oral como fonte deste estudo utilizou como referencial teórico: Ferreira e Amado (2006). Na discussão sobre História Cultural, foi utilizado o autor Burke (2008). E a realidade espacial

onde se insere o objeto de estudo são as seguintes comunidades: Serra das Viúvas, Barro Preto, Moreira, Lagoa das Pedras e Cal.

A relevância social desta pesquisa fundamenta-se na explicitação, para a sociedade e em especial para as comunidades estudadas, de alguns dos simbolismos culturais que foram motivadores na nomeação de cada comunidade analisada e como estes se tornam aspectos da identidade de cada comunidade. Sua importância histórica centra-se no diálogo com a História Cultural e a problematização da influência do topônimo de cada comunidade na construção de sua identidade.

Assim, o estudo, em seu objetivo geral, fundamentou-se na investigação, a partir do campo da Toponímia, sobre história das motivações dos nomes das comunidades quilombolas do município de Água Branca- AL. Especificamente, realizou-se a análise dos motivadores da nomeação destes lugares numa perspectiva enciclopédica e com os relatos orais, com a finalidade de efetivar um estudo destas comunidades. Análise correlacionada, dos motivadores da nomeação de tais comunidades através dos relatos orais e enciclopédicos, foi fundamental para definição do topônimo. Metodologicamente sistematizamos as informações através do preenchimento das fichas lexicográficas para efetivar os objetivos propostos. Referindo-se ao caráter da pesquisa, esta se caracteriza por ser quantitativa e qualitativa, pois ao mesmo tempo em que coleta informações quantitativamente, realiza uma análise qualitativa das fontes. Quanto à delimitação do tema, caracteriza-se por ser um recorte espaço- temporal somado ao recorte serial. Esta pesquisa é descritiva e exploratória.

É válido ressaltar que a nomeação destas comunidades é algo resignificado, por isso a importância das memórias destes moradores. E que este trabalho buscou compreender as motivações dos topônimos, a partir das memórias dos seus moradores, não se fundamentando apenas na questão etimológica dos topônimos e levando em conta que a memória é sensível a resignificação ao longo do tempo. A análise dos dados foi realizada utilizando a ficha lexicográfica instrumento principal do campo de conhecimento da Toponímia e o outro instrumento de análise de dados foram as técnicas de História Oral.

O primeiro capítulo, intitulado “Contextualização Histórica e Espacial do *Locus* de Pesquisa”, situa o objeto de estudo, e para isso é exposto aquilo que se convencionou chamar de Nordeste com base em Albuquerque Júnior (2011). Seguiu-se expondo certas informações referentes à cidade de Água Branca, onde localizam-se as comunidades que são objeto de estudo deste trabalho, levando em consideração sua localização geográfica. E ainda o conceito do que na atualidade se compreende como comunidade remanescente quilombola.

No segundo capítulo, denominado “Constructos Teóricos”, apresentam-se as bases teórico-metodológicas desta investigação, através de certos procedimentos, os quais trazem a compreensão daquilo que se mostra como domínio da Toponímia, levando em conta que a mesma se mostra interdisciplinar, podendo fazer parte do campo de estudo de disciplinas como Linguística, Geografia e História.

A Toponímia é desta forma compreendida como uma possível área de investigação da História. Nesta investigação, a mesma foi utilizada como fonte e metodologia para análise da História Cultural das comunidades quilombolas de Água Branca. Quanto à caracterização do termo cultura, é proposta pela História Cultural e ainda é trazido História Oral, e o uso dos termos *lugar* e *território*, baseia-se em Fernandes e Porto-Gonçalves (2006).

No terceiro capítulo “Procedimentos Metodológicos”, ocorre uma definição, do que, se trata a fonte oral e como a mesma foi utilizada na pesquisa. Seguiu-se classificando metodologicamente a pesquisa, que neste caso foi descritiva e exploratória. Em seguida, foi descrito as características e a importância das fichas lexicográficas nesta pesquisa, as quais seguiram o modelo proposto pela Dick (2004).

O quarto capítulo, “Descrição e Análise dos Dados” neste se encontra (preenchidas) as fichas lexicográficas referentes a cada topônimo investigado. Preenchendo estas fichas com os relatos orais, dicionários e outras fontes. E ainda observar, por meio de tabela, dos léxicos, dos relatos orais e dos outros itens que compõem a ficha lexicográfica, as particularidades de cada topônimo analisado e assim um pouco dos traços da História Cultural das comunidades às quais estes topônimos fazem referência.

CAPÍTULO I: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E ESPACIAL DO *LOCUS* DE PESQUISA

Este trabalho tem como objeto de estudo os topônimos das comunidades remanescentes quilombolas do município de Água Branca, Alagoas. Neste capítulo, para situarmos geograficamente e conceituar este objeto de estudo, são abordados a conceptualização daquilo que é compreendido como Nordeste, a localização da cidade de Água Branca e ainda daquilo é definido por lei como comunidade remanescente quilombola.

1.1 O Nordeste

Antes de focarmos no objeto de estudo, e como uma tentativa de nos situarmos espacialmente, descreve-se um pouco o conceito de Nordeste, que é onde as comunidades estudadas se encontram inseridas. Com base na obra de Durval Muniz (2011) podemos compreender que o discurso sobre Nordeste traz um estereótipo do nordestino como coitado, e que isso não existe por acaso, mas visa atender aos interesses de certos grupos e desta forma, para Albuquerque Júnior (2011), o Nordeste como categoria e conceito é uma invenção, a qual foi sendo construída historicamente para se atender a certos interesses de alguns grupos sociais. Ele busca mostrar o avesso deste discurso e os possíveis interesses por traz do mesmo, conceituando o que seria o Nordeste, ou melhor, como este conceito ganhou vida.

Este espaço, hoje compreendido como Nordeste, origina-se de uma antiga divisão Norte e Sul. Assim, para Albuquerque Júnior (2011) a ideia de Norte e Sul dar lugar em certo momento histórico à região artificial que terá como grande marco a divisão de Nordeste e Sul. Ressalta ainda que isso se constitui num momento de crise do paradigma naturalista e momento de busca de uma identidade nacional, a qual conseguisse mostrar a diferença de cada região do país.

Albuquerque Júnior (2011) questiona a construção da ideia de Nordeste e informa que sua utilização inicia-se em 1919. Este Nordeste que, até a década de vinte, vivia uma transição de Norte para Nordeste. Com esta perspectiva Albuquerque Júnior (2011) traz uma teoria, argumentando o Nordeste não como algo natural, mas um discurso que foi sendo moldado por diferentes formas e autores. Região com expressões diferentes em cada momento histórico tais como música, pintura, literatura etc. De forma heterogênea, e algumas vezes antagônica; o Nordeste de uma forma ou de outra assume a posição de coitado em seus discursos políticos e culturais. Segundo Albuquerque Júnior (2011) neste “amontoado” imagético do Nordeste cada

autor buscou eleger algumas características para falar do mesmo, sem abrir mão da teoria de Nordeste como um lugar “sofredor” que merece “compaixão”.

Mesmo existindo algumas afirmações de Albuquerque Júnior (2011) questionáveis, para além da teoria deste, é preciso considerar que o Nordeste representado discursivamente constitui uma construção artificial de acordo com o mesmo, mas também apresenta-se como um lugar localizado territorialmente no mapa do Brasil. Diante de discursos multifacetados Albuquerque Júnior (2011, p.347) sugeri: “Não se trata, pois, de buscar uma cultura nacional ou regional, uma identidade cultural ou nacional, mas de buscar diferenças culturais, buscar sermos sempre diferentes, dos outros e em nós mesmos.”. E desta forma, foi possível através do estudo da Toponímia correlacionado com a história das comunidades quilombolas, reafirmar alguns aspectos da própria identidade destas comunidades perceptíveis no ato de nomear. Os instrumentos metodológicos permitiram ainda compreender que a Toponímia e a história das comunidades analisadas, explicitam um contraponto entre os significados enciclopédicos e as entrevistas orais. Enquanto a análise enciclopédica dos topônimos enfatizam explicações científicas, os relatos orais permitem uma compreensão que estas próprias comunidades tem de si mesmas.

Neste lugar como em qualquer parte do Brasil existem grupos sociais que fazem história e neste caso específico, são sujeitos pertencentes ao território denominado Nordeste. Neste estudo especificamente fundamenta-se nas investigações de aspectos da história dessas comunidades remanescentes quilombolas em Água Branca- AL. história esta, que muitas vezes é silenciada em prol da manutenção da História estereotipada do Nordeste onde, “O povo real, na sua multiplicidade e diferença, é desconhecido, quando não desprezado, substituindo-o por uma criação abstrata, por uma construção imagética que se quer autoritariamente decalcar na realidade.” Albuquerque Júnior (2011, p. 349). Neste sentido, este estudo buscou compreender um pouco da história dessas comunidades quilombolas, particularmente questionando a forma como a própria comunidade analisada compreende a nomeação que identifica sua comunidade.

1.2 Água Branca: uma entre tantas cidades no Nordeste

Cidade a qual geograficamente se encontram localizadas as comunidades, objeto de estudo desta pesquisa, Água Branca se encontra localizada no interior do Estado de Alagoas.

O município de Água Branca está localizado no extremo oeste do Estado de Alagoas, limitando-se a norte com Mata Grande e Tacaratu (PE), a sul com Delmiro Gouveia e Olho D’Água do Casado, a leste com Inhapi e Olho D’Água do Casado, e a oeste com

Pariconha. A área municipal ocupa 454,72 km² (1,64% de AL), inserida na mesorregião do Sertão Alagoano e na microrregião Serrana do Sertão Alagoano (MASCARENHAS et al, 2005, p. 2).

Cidade conhecida por ser uma das mais antigas do Estado de Alagoas, tem cravado na sua História “marcas” da escravidão e dos barões, como também o coronelismo em seu “traço” mais forte com a presença de resquícios na atualidade. Nesse sentido, as características marcantes se estruturam nos fatores políticos e culturais.

Água Branca é conhecida por sua arquitetura antiga, presente nos seus casarões e sua Igreja dedicada a Nossa Senhora da Conceição e ainda por ter sido uma cidade na qual residiu a figura de um barão, o denominado Barão de Água Branca. É também uma cidade que presenciou a escravidão ocorrida no Brasil colonial. Lugar onde os negros lutaram por manter sua identidade mesmo que muitas vezes de forma silenciosa, isso é perceptível em vários aspectos e entre estes, no fato de que hoje a cidade possui comunidades remanescentes de quilombolas, as quais foram objeto de estudo deste trabalho.

A relevância social e científica da pesquisa se estrutura na preponderância dos trabalhos de pesquisa referentes ao Barão enquanto objeto de estudos estruturados no viés positivista ou mesmo a ênfase mínima a História de outros grupos sociais, Histórias estas, que atualmente começam a serem investigadas. Nesse ínterim, torna-se imprescindível estudar as comunidades remanescentes quilombolas buscando contribuir com a visibilidade dos relatos e a História da origem do água-branquense trazida à tona.

1.3 Comunidades remanescentes quilombolas

A realidade empírica deste estudo estrutura-se nas comunidades remanescentes quilombolas que se encontram localizadas na cidade de Água Branca no Estado de Alagoas. No total de cinco comunidades, reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares. É válido ressaltar que existem outras comunidades neste município que estão em processo de reconhecimento, porém neste estudo um dos critérios de escolha foi o “reconhecimento”.

De acordo com a legislação compreende-se como comunidade quilombola: “grupos étnico-raciais segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”. (Art. 2º do Decreto 4887, de 20/11/2003). Dentre as questões que esta lei esclarece, destaca-se que os quilombolas são grupos de pessoas que historicamente resistiram e resiste a preconceitos diversos.

Com relação ao direito territorial destas comunidades quilombolas, isso é algo que é assegurado por lei, na Constituição Federal já em 1988, no Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (CDCT/CF). No seguinte texto: “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. (BRASIL, 1988). As comunidades objeto de estudo desta pesquisa são reconhecidas pelo Estado, porém ainda existem vários territórios e comunidades a serem reconhecidas.

Segue abaixo tabela contendo a quantidade das comunidades remanescentes de quilombo certificadas no Estado de Alagoas.

Tabela com a quantidade de comunidades quilombolas no Estado de Alagoas

Nº	MUNICÍPIO	COMUNIDADES	SITUAÇÃO	Nº DE FAMÍLIAS
01	Água Branca	Lagoa das Pedras	Certificada em 19/11/09	50
02	Água Branca	Barro Preto	Idem	50
03	Água Branca	Serra das Viúvas	Idem	50
04	Água Branca	Cal	Certificada em 27/12/2010	50
05	Água Branca	Pov. Moreira de Baixo	Certificada em 02/02/2015	120
06	Anadia	Jaqueira	Idem	35
07	Arapiraca	Carrasco	Certificada em 13/03/07	290
08	Arapiraca	Pau D'arco	Certificada em 07/02/07	510
09	Batalha	Cajá dos Negros	Certificada em 19/04/05	86
110	Belém	Serra dos Bangas	Certificada em 03/07/2014	80
111	Cacimbinhas	Guaxinim	Certificada em 13/12/06	90
112	Canapi	Mundumbi	Certificada em 27/12/2010	64
113	Canapi	Sítio Alto de Negras	Idem	60

	114	Canapi	Tupete	Idem		73
	115	Carneiro	Sítio Lagoa do Algodão	Idem		50
16	1222	Delmiro Gouveia	Povoado da Cruz	Certificada 19/04/05	em	72
	117	Igreja Nova	Sapé	Certificada 19/11/09	em	100
	118	Igreja Nova	Palmeira dos Negros	Certificada 08/06/05	em	220
	119	Igaci	Sítio Serra Verde	Certificada 27/12/2010	em	200
	220	Japaratinga	Macuca	Certificada 19/11/09	em	27
	221	Jacaré dos Homens	Alto da Madeira	Idem		45
	222	Jacaré dos Homens	Povoado Porção	Certificada 27/12/2010	em	30
	223	Jacaré dos Homens	Povoado Baixa	Idem		77
	224	Jacaré dos Homens	Povoado Ribeiras	Certificada 07/02/2011	em	30
	225	Monteirópolis	Paus Pretos	Certificada 25/05/05	em	200
	226	Major Isidoro	Puxinanã	Certificada 13/12/06	em	62
	227	Olho D'Água das Flores	Aguazinha	Certificada 19/11/09	em	30
	228	Olho D'Água das Flores	Guarani	Idem		45
	229	Olho D'água das Flores	Gameleiro	Certificada 10/04/08	em	65
	330	Olho D'água do Casado	Alto da Boa Vista	Certificada 07/04/2015	em	85
	331	Pariconha	Burnio	Certificada 19/11/09	em	50
	332	Pariconha	Melancias	Certificada 27/12/2010	em	30
	333	Pariconha	Malhada Vermelha	Certificada 19/11/09	em	15

334	Passo do Camaragibe	Bom Despacho	Idem		208
335	Passo do Camaragibe	Perpétua	Certificada 27/12/2010	em	28
336	Piranhas	Sítio Laje	Idem		30
337	Piaçabuçu	Pixaim	Certificada 19/11/09	em	25
338	Pão de Açúcar	Chifre do Bode	Certificada 28/07/06	em	66
39	Pão de Açúcar	Poço do Sal	Certificada 28/07/06	em	37
340	Penedo	Tabuleiro dos Negros	Certificada 01/03/07	em	425
441	Penedo	Oiteiro	Certificada 13/12/06	em	160
442	Poço das Trincheiras	Jorge	Certificada 08/06/05	em	125
443	Poço das Trincheiras	Alto do Tamanduá	Certificada 19/04/05	em	300
444	Poço das Trincheiras	Jacu	Certificada 19/04/05	em	85
445	Poço das Trincheiras	Mocó	Certificada 19/04/05	em	80
446	Palmeira dos Índios	Povoado Tabacaria	Certificada 30/09/05	em	92
447	Palestina	Vila Santo Antônio	Certificada 05/05/09	em	300
548	Palestina	Santa Filomena	Certificada 19/11/09	em	40
449	Santa Luzia do Norte	Quilombo	Certificada 19/04/05	em	350
550	Santana do Mundaú	Filús	Certificada 28/07/06	em	40
551	Santana do Mundaú	Jussarinha	Certificada 19/11/09	em	34
552	Santana do Mundaú	Mariana	Idem		35

553	São José da Tapera	Caboclo	Idem		50
554	São José da Tapera	Cacimba do Barro	Idem		35
555	Senador Rui Palmeira	Serrinha dos Cocos	Idem		25
556	Taquarana	Mameluco	Certificada 13/12/06	em	160
557	Taquarana	Lagoa do Coxo	Certificada 27/12/2010	em	35
558	Taquarana	Poços do Lunga	Certificada 07/06/06	em	65
559	Taquarana	Passagem Vigário do	Certificada 19/11/09	em	170
650	Teotônio Vilela	Abobreiras	Idem		30
651	Teotônio Vilela	Birrus	Idem		32
652	Traipu	Belo Horizonte	Idem		60
653	Traipu	Uruçu	Idem		50
654	Traipu	Mumbaça	Certificada 27/12/2010	em	401
655	Traipu	Lagoa do Tabuleiro	Idem		30
656	Viçosa	Gurgumba	Idem		25
657	Viçosa	Sabalangá	Idem		100
658	União dos Palmares	Muquém	Certificada 19/04/05	em	120

Tabela 1 comunidades certificadas

Total de famílias: 6.889

Fonte: INSTITUTO DE TERRAS E REFORMA AGRÁRIA DE ALAGOAS - ITERA

Os dados quantitativos informam que o número de comunidades é expressivo no Estado Alagoano, entretanto é válido ressaltar algumas peculiaridades referentes ao processo de pertencimento, identitário e mesmo de reconhecimento desses povos. Assim, o estudo realizado explicitou que o processo de ressignificação identitária, ou mesmo o auto reconhecimento dos quilombolas perpassam por vários fatores, dentre eles a interferência do “outro”, seja ele Estado ou o “não quilombola”.

CAPÍTULO II: CONSTRUCTOS TEÓRICOS

Neste trabalho foi utilizado como metodologia o referencial teórico da Toponímia e História, trabalhando com os conceitos de território e lugar. Os quais serão explicitados nos subtítulos a seguir.

2.1 A Toponímia como uma ciência e sua perspectiva interdisciplinar

O fio condutor teórico referente à discussão da Toponímia fundamenta-se na perspectiva dos autores: Dick (1987), Seabra (2004), Santos (2005), Carvalho (2012), Brasil (2005), Santos (2012).

O ato de nomear é algo inerente ao ser humano, e isto não ocorre de forma aleatória, pois cada nomeação traz consigo singularidades. A cultura de um grupo, ou território, é individual de cada povo com uma ressignificação própria, apropriada pelos indivíduos da comunidade. Há possibilidade de análise dos aspectos culturais apresentado no ato de nomear, tendo em vista o oceano de possibilidades de significados que cada língua oferece. Cada topônimo é resultado de uma escolha, onde se busca nominar um espaço geográfico com tal nome e, esta escolha pode evidenciar um pouco da História Cultural, de tal lugar. De acordo com Santos (2005) em qualquer período histórico é possível observarmos vários traços de cada cultura no ato de nomear.

2.1.1 Taxonomia da Toponímia

A Toponímia é um ramo da Onomástica, que por sua vez é um campo da ciência que estuda os nomes próprios tanto de pessoas quanto de lugares. A Onomástica se divide em dois campos são eles: Toponímia e Antroponímia. Como esclarece Santos sobre a Toponímia, “O estudo dos nomes de lugares é outorgado à Toponímia (topos: lugar, onoma: nome)” Santos (2012, p. 20). Já a antroponímia refere-se ao estudo dos nomes próprios, ou nome de pessoas. E a Toponímia é então dividida em acidentes físicos e acidentes humanos. O acidente físico refere-se aos topônimos do ambiente natural, ou seja, o nome dado a um ambiente criado pela natureza tais como rios, serra etc. Porém, os acidentes humanos referem-se a um ambiente no qual é criado ou modificado pelo ser humano tais como povoado, sítio, cidade etc. Com relação a motivação dos topônimos, estes apresentam uma classificação taxionômica onde cada topônimo é classificado de acordo com os elementos motivadores destes.

Assim, percebe-se uma divisão entre a motivação de ordem física e as de ordem antropocultural. Enquanto as motivações de ordem física são empregada para os topônimos que tem motivações referentes a traços da paisagem natural, fatores de ordem física, ou seja, aquilo percebido no mundo natural, as motivações de ordem antropocultural referem-se a todos os topônimos que tem sua motivação em fatores criados pelo homem, levados em consideração no ato de nomeação e que fazem parte da cultura do homem tanto material, espiritual, psicológico etc. Dentro destas duas ramificações ainda há uma série de subdivisões, desta forma dentro da classificação, *Taxonomia física* e *Taxonomia Antropocultural* encontram-se as seguintes subdivisões.

Taxonomia física subdividida em:

- a) Astrotopônimos: topônimos relativos aos corpos celestes em geral. Ex.: Rio da Estrela (AH BA) [...]
- b) Cardinotopônimos: topônimos relativos às posições geográficas em geral. Ex.: praia do Leste (RP). [...]
- c) Cromotopônimos: topônimos relativos à escala cromática. Ex.: rio Branco (AM) [...]
- d) Dimensiotopônimos: topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, grossura, espessura, altura, profundidade. Ex.: Ilha Comprida (AM) [...]
- e) Fitotopônimos: topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade (arraio Pinheiro, RS), et conjunto da mesma espécie (Pinheiral, AH RJ), ou de espécies diferentes ((morro da Mata, NT; Caatinga, AH BA; serra da caatinga, RN), além de formações não espontâneas individuais (ribeirão Café, ES) e em conjunto (Cafezal, AH PA).
- f) Geomorfotopônimos: topônimos relativos às formas topográficas: elevações (montanha s- Montanhas, AH RN; monte - Monte Alto, AH SP; morro - Morro Azul, AH RS; colina - Colina, AH GO; coxilha - Coxilha, AH RS) e depressões do terreno (Vale - Vale Fundo, AH MG; baixada - Baixadão, AF/AH MT) e às formações litorâneas (costa - Costa Rica, AH MT; Cabo - Cabo Frio, AH RJ; angra - Angra dos Reis, AH JR; ilha - Ilhabela, AH SP; porto - Porto Velho, AH Ro).
- g) Hidrotopônimos: topônimos relativos a acidentes hidrográficos em geral. Ex. : água - serra das Águas (GO), [...]
- h) Litotopônimos: topônimos de índole mineral, relativos também a constituição do solo, representados por indivíduos (barro - lagoa do Barro (BA); barreiro - córrego do Barreiro (AM); tijuco - Tijuco Preto, AH SP; ouro - arraio do Ouro (RS), conjunto da mesma espécie (córrego Tijucal (SP)) ou de espécie diferentes (Minas Gerais, AH MG, Cristália, AH MG, Pedreiras, AH MG).
- i) Meteorotopônimos: topônimos relativos a fenômenos atmosféricos. Ex.: vento - serra do Vento (PB); [...]
- j) Morfotopônimos: topônimos que refletem o sentido de formas geométricas. Ex.: Curva Grande, AH MT; [...]
- k) Zootopônimo: topônimos de índole animal, representados por indivíduos domésticos (boi - rio do Boi (MG)), e não domésticos (onça - lagoa da Onça (JR)), [...]. (DICK, 1987, p. 38-39).

E a taxonomia de natureza antropológica divide-se:

- a) Animotopônimos (ou nootopônimos): topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo a todos os produtos do psiquismo humano, cuja matéria prima fundamental, e em seu aspecto mais importante como fato cultural, não pertence à cultura física. Ex. : vitória - Vitória, AH CE; [...]
- b) Antropotopônimos: topônimos relativos aos nomes próprios individuais. Ex. : prenome - Abel, AH MG, [...]
- c) Axiotopônimos: topônimos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais. Ex. : Presidente Prudente, AH BA, [...]
- d) Corotopônimos: topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes. Ex. : Brasil, AH AM; [...]
- e) Cronotopônimos: topônimos que encerram indicadores cronológicos, representados, em Toponímia, pelos adjetivos novo/nova, velho/velha. Ex. : Boipeba, AH BA; rio Novo Mundo, (GO), [...]
- f) Ecotopônimos: topônimos relativos às habitações em geral. Ex. : Casa da Telha, AH BA; [...]
- g) Ergotopônimos: topônimos relativos aos elementos da cultura material. Ex. : flecha - córrego da Flecha (MT); [...]
- h) Etnotopônimos: topônimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas). Ex. : Guarani, AH PE; [...]
- i) Dirrematopônimos: topônimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos. Ex. : Há Mais Tempo, AH MA; [...]

- j) Hierotopônimos: topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças: cristã, hebraica, maometana, etc. Ex. :Cristo Rei, AH PR; [...] [...] às efemérides religiosas: Natividade, AH GO; [...] [...] às associações religiosas: Cruz de Malta, AH SC; aos locais de culto: igreja – serra da Igreja (PR);[...] [...] Os hierotopônimos podem apresentar, ainda, duas subdivisões: a – hagiotopônimos – topônimos relativos aos santos e santas do hagiológico romano: São Paulo AH SP [...] [...] b- mitotopônimos: topônimos relativos às entidades mitológicas. : saci – ribeirinho do saci (ES) [...]
- k) Historiotopônimos: topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes. Ex.: Independência, AH AC; [...]
- l) Hodotopônimo (ou Odotopônimos: topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana. Ex. : Estradas, AH AM; [...]
- m) Numerotopônimos: topônimos relativos aos adjetivos numerais. Ex. : Duas Barras AH BA; [...]
- n) Poliotopônimos: topônimos constituídos pelos vocábulos “vila”, “aldeia”, “cidade”, “povoado”, “arraial”. Ex.: rio da Cidade (RJ); [...]
- o) Sociotopônimos: topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade (largo, pátio, praça). EX. : Sapateiro (serra do, SP); [...]
- p) Somatotopônimos: topônimos em relação metafórica à partes do corpo humano ou do animal. Ex. : Cotovelo, AH MG; [...]. (DICK, 1987, p.39-40).

Esta classificação orienta o preenchimento das fichas lexicográficas (instrumento de coleta de dados nesta pesquisa). De acordo com essa classificação e critério, realizou-se a análise dos dados. É válido destacar que a Dick (1987) já publicou outro trabalho que tem uma classificação taxionômica mais abrangente, porém para o estudo realizado esta classificação já atende as demandas, justificando a utilização da mesma.

2.1.2 Toponímia como fonte de pesquisa da História Cultural

Sendo a Toponímia, uma fonte de pesquisa que propicia uma análise da História Cultural, com este intuito foi utilizada nesta pesquisa. Partindo da formação do ato de nomear, foi problematizado certos traços culturais, das comunidades, (objeto de estudo desta pesquisa) que se mostraram perceptíveis durante a efetivação do estudo dos topônimos, de acordo Seabra (2007):

Partindo-se do princípio de que a língua se evidencia como parte da cultura de uma sociedade e que é através do sistema lingüístico, mais especificamente do seu léxico, que os indivíduos se expressam e expressam seus valores, construindo a sua História, faz-se, pois, necessário estudar a língua inserida na cultura (SEABRA, 2007, p. 27).

Compreendendo que a linguagem é um dos modos mais eficientes de transmissão da cultura, a partir desta muitos costumes e prática de um povo são transmitidos as novas gerações, a análise das motivações do topônimo de cada uma destas comunidades, propiciaram a problematização de certos elementos de sua identidade que são explicitados no ato de nomeação. Nesta análise das comunidades quilombolas do município de Água Branca, Alagoas, buscou-se problematizar a História Cultural destas comunidades, dando ênfase aos dados perceptíveis durante a coleta e análise dos resultados obtidos. E as entrevistas orais com moradores que preenchiam os pré-requisitos necessários para o êxito da pesquisa confirmaram a lógica transgeracional.

Com relação às possibilidades da Toponímia como fonte de pesquisa, esta foi realizada a partir do preenchimento das fichas; e pra isso foi utilizado o modelo de ficha lexicográfica sugerida pela Dick (2004), e que foi ajustada para atender às demandas desta pesquisa. Ressaltamos que a Toponímia caracterizou-se como um instrumento que permitiu adentrar a certos aspectos da História Cultural de tais comunidades, na busca pela compreensão das possíveis razões para o ato de nomear, buscando no momento de preencher as fichas, trazer à tona traços, da História Cultural destas comunidades a partir da análise dos topônimos. No preenchimento de tais fichas a fonte mais utilizada foi a fonte oral, e também análise do sentido etimológico dos topônimos analisados.

Levando em conta que o ato de nomear é algo feito pelo homem, por isso é carregado de significado, não sendo apenas uma palavra aleatória e que no caso da Toponímia, se mostra como uma palavra que busca evidenciar o todo, a partir do nome, ou seja, tudo que geograficamente é abarcado por tal nomeação. Carvalho argumenta “Na verdade, Topônimo é uma porção delimitada de espaço que está representada em uma palavra”. Carvalho (2012, p. 25). Nesse sentido, cada topônimo faz menção a uma territorialidade, ou seja, de certa forma o nome do lugar consegue condensar em si, todo o significado da territorialidade que abrange, sendo visível no sentimento de pertença que existe em cada pessoa que mora em cada uma destas localidades.

Não distante disso, o topônimo de cada comunidade acaba sendo também um referencial indenitário onde foi possível observar as particularidades da cultura de cada lugar. O topônimo passa a apontar algo, mais que simplesmente uma apropriação geográfica de espaço, sinaliza para uma resignificação do espaço, de forma diferenciada em cada comunidade, que por sua vez também assume diferente topônimo.

A Toponímia é sempre expressão de uma apropriação de espaço por um grupo cultural e por isso se constitui em um poderoso elemento identitário. Nomear e renomear rios,

montanhas, cidades, bairros e logradouros tem um significado político e cultural, envolvendo etnias ou grupos culturais hegemônicos ou não. O espaço apropriado pelo ser humano está impregnado de topônimos e constitui-se um rico campo de estudo que revela as articulações apontadas. (CARVALHO, 2012, p. 26).

Alguns destes significados que foram analisados neste estudo foram utilizados a partir da memória dos moradores das comunidades analisadas, que através da História Oral constituíram fontes primárias. As possibilidades que a Toponímia proporcionou, a partir da utilização das fichas lexicográficas, tornou a ficha também uma fonte de estudo. A opção pelas comunidades remanescentes quilombolas de Água Branca como objeto de estudo, considerou o fato destas comunidades, remanescentes quilombolas espalhadas em nosso país, serem comunidades marginalizadas, as quais ao longo da historiografia brasileira despertaram interesse insuficiente dos historiadores. Nesse ínterim a complementariedade entre a História e a Linguística possibilitou compreender que estes grupos étnicos tem muito a dizer a respeito de si mesmas, inclusive quanto às motivações para a nomeação de suas comunidades.

Este estudo ao analisar a História Cultural destas comunidades se utilizando da Toponímia como principal fonte de pesquisa, sendo que esta tem como característica a interdisciplinaridade tão buscada neste momento histórico.

O estudo da toponímia, cuja importância é fundamental em muitos aspectos, especialmente nos domínios linguísticos e históricos (em suma, etnográficos), pode fazer-se metodicamente segundo vários pontos de vista, desde a classificação por línguas até as causas que promovem o aparecimento dos topônimos, isto é, o seu sentido. (ALVES, 2008, p. 70).

Por ser algo que envolve o domínio histórico, é perceptível que a Toponímia consegue revelar traços da História Cultural e o caráter identitário de cada comunidade, sendo que este ato de nomear vai sofrer várias influências. Mesmo nos casos onde nem os antigos moradores não sabem ao certo o porquê da nomeação, não é por acaso estes esquecimentos das motivações dos topônimos, nem tão pouco a permanência ou mudança dos mesmos.

A Toponímia é uma área da ciência a qual busca compreender a motivação dos nomes de lugares, e que apesar de ser uma área do conhecimento especialmente nova, mostra-se como uma fonte de pesquisa bastante interdisciplinar e que pode ser utilizada por várias áreas do conhecimento tais como História, Geografia e a Linguística. Seu objeto de estudo como o próprio significado do termo Toponímia significa *o estudo dos nomes de lugares*. Esta foi neste trabalho uma fonte de pesquisa que embasada nos relatos orais foi utilizada como o fio condutor teórico e metodologicamente. Sendo assim, o instrumento que contribuiu para descortinar, a partir do ato de nomear; as memórias das comunidades quilombolas de Água Branca, Alagoas.

Como argumentado acima a Toponímia é uma área de pesquisa pouco desbravada e interdisciplinar, e que pode ser estudada por várias ciências, como História, Geografia e Linguística. Justamente por se mostrar bastante interdisciplinar, Seabra argumenta: “Objeto de estudo de geógrafos, lingüistas e historiadores, a Toponímia não constitui um tema muito explorado nos estudos lingüísticos, apesar da carga de significação cultural presente no processo de nomeação dos lugares e na dinâmica de sua evolução” Seabra (2007, p. 43).

Compreendendo assim, o ato de nomear pode mostrar vários aspectos da cultura de cada comunidade, levando em conta que alguns traços, se sobressaem e acabam servindo para nomear. Assim, são fatores motivadores coisas como: cultura, questões de poder e outros. E com relação as motivações para a o ato de nomear, estas mostram várias influências culturais na História de cada comunidade sendo que:

A linguagem, ao se constituir como uma das principais características humanas, marca um dos fatores mais importantes de sua ação na sociedade, por meio dos processos de nomeação e designação das coisas do mundo, com os quais (re)conceptualiza e (re)constrói sentidos sócio-históricos e culturais. (SANTOS, 2012, p. 21).

Com a linguagem o ser humano busca dar nome e sentido ao ambiente que o rodeia e estes sentidos, são distintos em cada cultura. Na linguagem de cada povo a muitas coisas a qual se pode ser utilizado como uma fonte histórica a qual possibilita reconstruir sentidos que fazem parte da História Cultural destas comunidades como é o caso do estudo dos topônimos.

Partindo da compreensão de que certos aspectos da cultura são perceptíveis no ato de nomear e, ao entendermos os motivos e os vários aspectos da nomeação destas comunidades quilombolas, pertencentes à cidade de Água Branca, Alagoas foi possível problematizar as peculiaridades de cada cultura, de cada comunidade que mesmo sendo próximas trazem singularidades. Percebeu-se também que a escolha de um nome não é feita de maneira aleatória, e se mostra como um documento histórico ou, melhor como uma fonte histórica como mostra Santos:

O topônimo, enquanto fato da língua, apresenta várias interfaces que devem ser analisadas pelo pesquisador, pois além de ser um signo lingüístico, e por isso, esta ligado à lingüística, não se limita apenas à denominação de lugar, pois é um documento histórico que vincula aspectos da natureza física e antro-cultural de um determinado espaço geográfico e social. (SANTOS, 2005, p. 22-23).

É percebendo a Toponímia como um documento histórico que este trabalho a problematizou, a partir de um estudo da História Cultural. Levando em conta que a Toponímia pode ser utilizada pelos historiadores como uma fonte histórica para analisar traços da cultura.

Compreendendo que a Toponímia traz vários elementos os quais permitem compreender aspectos culturais destas comunidades.

Cada topônimo pode ser classificado como acidente humano, ou como acidente físico como acima foi esclarecido. No caso desta pesquisa, o que será analisado serão apenas os acidentes humanos que compreendem as comunidades quilombolas do município de Água Branca, Alagoas. E nesta pesquisa os aspectos que a fonte Toponímia mostra serão obtidos a partir dos resultados de pesquisa através da compreensão do sentido denotativo dos topônimos analisados e das entrevistas orais que foram utilizadas para o preenchimento das fichas Toponímia.

Os estudos toponímicos revelam-se de grande importância para o conhecimento de aspectos histórico-culturais de um povo pois permitem a identificação de fatos lingüísticos, de ideologias e crenças, presentes no ato denominativo e, posteriormente, na sua permanência ou não em uma comunidade. (SEABRA, 2007, p. 8).

E no ato de nomear se acaba registrando vários aspectos culturais de uma comunidade, pois na mudança e permanência de cada topônimo se observa as praticas culturais que permanecem e que são reinventadas ao longo do tempo.

2.2 História Cultural

A compreensão de um pouco, daquilo que a História Cultural traz mostrou-se necessária neste estudo. Assim uma revisão simples do termo *cultura* constituiu o ponto de partida. Considerando que este termo é bastante complexo e que poder ser compreendido por várias perspectivas, neste trabalho será adotado o conceito de cultura a partir de um viés antropológico.

Iniciamos pela compreensão conceitual de cultura. Mostrando a forma como este surge na História e sua definição, em uma forma mais abrangente como expõe Laraia (2001), a respeito da definição de cultura trazida por Tylor, que surge. “No final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa *Civilization* referia-se principalmente às realizações materiais de um povo” Laraia (2001, p. 25). O primeiro termo exprime o sentido de algo mais abstrato, enquanto que o segundo faz menção a questões palpáveis; porém mesmo sendo estes dois termos distintos em seus significados, eles têm algo em comum que é fazerem referência a alguma parte da existência humana. Posteriormente, “Em 1871, Tylor definiu cultura como sendo todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que

independe de uma transmissão genética, como diríamos hoje.” Laraia (2001, p. 28). Por isso, nesta investigação, buscou-se expor alguns elementos que compõe a cultura, ou seja, a identidade das comunidades analisadas, perceptível no ato de nomeação, transmitida pelos seus antepassados e trazido à tona com o preenchimento das fichas lexicográficas.

Este termo foi sendo construído ao longo do tempo, pois antes desta definição de Tylor já existiam reflexões sobre a cultura. É válido ressaltar que o termo é expressão daquilo que separa os homens dos outros animais, concebendo o conhecimento que o Homem acumula ao longo da História, o mesmo obedece uma lógica transgeracional. “Mas, estas duas propriedades permitem uma afirmação mais ampla: o homem é o único ser possuidor de cultura.” Laraia (2001, p. 28). E mais que isso, cada grupo humano de uma forma tanto macro como micro produz sua cultura e, esta, acaba fazendo parte de sua identidade, singular a cada comunidade, aspectos que os individualiza e que compõe assim sua identidade.

A cultura é algo muito importante e possibilitou o homem ser aquilo que ele é: “O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam.” Laraia (2001, p. 45).

Neste estudo, cultura é compreendida como tudo aquilo que é particular a cada uma das comunidades remanescentes quilombolas analisadas, e que se mostra perceptível no ato de nomeação, comprovando assim que cada uma tem suas particularidades. E sua cultura é algo intrínseco em sua identidade, isso pensando a cultura não como algo estático, mas como algo dinâmico que faz parte do homem e temporalmente é ressignificada.

Cultura também é perceptível no ato de nomeação, fundamentando-se no fato de que a linguagem constitui o veículo de transmissão cultural, “Assim sendo, a comunicação é um processo cultural. Mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral.” Laraia (2001, p. 52). Pois é, pela comunicação que o homem tem acesso a todo conhecimento acumulado pela sociedade. E, pela linguagem que surgem assim os topônimos.

Mesmo cada nome tendo um significado etimológico diferenciado em cada ato de nomeação, o nome tem uma significação que certamente é melhor compreendida pela cultura que o produziu. Sendo assim, se faz perceptível a importância de se buscar compreender qual o sentido da nomeação para as pessoas da comunidade, mesmo levando em conta que cada compreensão do mesmo é ressignificada individualmente por pessoas da mesma cultura.

A respeito do fio condutor da História Cultural fundamentamos em Peter Burke (2008). Ressaltando que a análise historiográfica tem várias linhas interpretativa tais como a pautada no marxismo e várias outra. Entretanto, este estudo foi pautado, no diálogo da História Cultural com o campo de conhecimento da antropologia, principalmente na perspectiva do termo cultura pela sua complexidade e de difícil definição, por isto optamos por um sentido mais amplo com base na utilização antropológica do termo. Como esclarece Burke:

Na verdade em 1871, em seu *primitive culture*, Edward Tylor, apresentou uma definição semelhante de cultura ‘tomada em seu sentido etnográfico amplo’ como ‘o todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte moral, lei, costume e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo, homem como membro da sociedade’. (BURKE, 2008, p. 43).

E por ser este sentido de cultura o mais apropriado para este trabalho, considerando que o fato do mesmo pensar a cultura de uma forma mais abrangente e consegui considerar todos os aspectos da vida do ser humano, porém levando em conta que apesar deste termo referir-se a tudo que a espécie humana comunga de conhecimento, em cada povo esta se desenvolve com certas particularidades, ou seja, tem sua História com suas particularidades como afirmamos acima.

Esta interpretação do termo cultura, permite compreendê-la como algo que consegue abarcar os modos de vida do ser humano, também de maneira lógica consegue falar de certa forma das várias dimensões do ser humano. Assim, consegue debruçar-se também sobre a dimensão simbólica do ser humano, a qual se encontra presente no ato de nomeação e que se mostra como uma área de estudo possível para o historiador que se propõe compreender a História Cultural e como aponta Burke (2008), já na introdução de seu livro.

O termo comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com o simbólico e suas interpretações. Símbolos, conscientes ou não, podem ser encontrados em todos os lugares, da arte à vida cotidiana, mas a abordagem de passado em termos de simbolismo é apenas uma entre outras. (BURKE, 2008, p. 10).

Desta forma a Toponímia é uma fonte que consegue proporcionar a análise de vários simbolismos presentes no ato de nomeação e como estes simbolismos são ressignificados pelas mesmas comunidades em cada momento histórico, e estes simbolismos revelados na Toponímia é também uma marca identitária como no caso a realidade de estudo desta análise, as comunidades quilombolas do município de Água Branca, Alagoas. A primeira peculiaridade visível é que mesmo estas comunidades pertencendo à mesma cidade conseguiram se diferenciar umas das outras em vários aspectos, e o seus nomes são um destes aspectos.

O complemento dessa discussão necessitou do diálogo com dois conceitos: lugar e território, estes de suma importância na compreensão identitária e na origem dos nomes de cada comunidade analisada.

2.3 O conceito de *lugar* e *território*

Como Toponímia refere-se ao estudo do nome do lugar, se faz necessário compreendermos o sentido do termo *lugar*. É válido ressaltar que o conceito de lugar, normalmente advém do campo da geografia e o mesmo tem vários sentidos e estes variam dependendo dos autores e das correntes teóricas que fazem uso do mesmo.

Neste sentido, consideramos para esse estudo o conceito de lugar como sendo justamente aquele ambiente onde o ser humano vive, como argumenta Ana Carlos: “O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante - identidade - lugar.” Carlos (2007, p. 11) sendo esta porção do espaço onde se vive, se constrói uma identidade, ou seja, o lugar é o espaço onde se vive e se constrói identidade. Ainda de acordo com a autora: “As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivendo através do corpo.” Carlos (2007, p. 11). Essa concepção de lugar, neste caso dialoga com o objeto de estudo da Toponímia, tendo em vista ser caracterizado pelo “território” onde os seres humanos vivem e mantêm sua identidade, a partir do processo de identificação desencadeado no ato de nomeação.

É inerente na compreensão da História do homem entender o lugar onde se vive, tendo em vista que é neste lugar que são desenrolados enredos da vida humana e é no ato de nomear aquele lugar onde se vive que ocorre a ressignificação de valores e crenças. Nessa nomeação também se constrói identidade individual, coletiva e o processo de pertencimento. Sendo assim este estudo é bastante pertinente pelo fato de que nos aponta para a compreensão do sentido da nomeação das comunidades quilombolas de Água Branca- AL, a partir do preenchimento da ficha lexicográfica.

Esta análise ocorre em um *lugar*, como já foi indicado, mas também se dá em um *território*, e para uma melhor compreensão do território dessas comunidades, se mostrou pertinente compreendermos tal conceito. Este também possui muitas formas de compreensão. Sendo de forma mais geral compreendido como sendo a porção do espaço politicamente compreendida. Porém existem vários formas de territórios e também várias correntes teóricas as quais tem um olhar diferenciado sobre este conceito.

Com relação à divisão política de território, pode-se dizer que, neste trabalho, este objeto de estudo faz parte de um território nacional que é o Brasil, Estadual: Alagoas e mais ainda municipal: Água Branca, ou seja, diferentes escalas de território. Porém neste estudo buscamos compreender este conceito de uma maneira macro analítico, mas sem negar a primeira definição. Como alguns autores sugerem, há várias formas de compreensão do conceito de território, e várias formas de território, pois ainda se faz necessário compreendermos que há diferentes escalas de território desde o local ao internacional onde um pode está dentro do outro.

Não podemos pensar apenas na divisão territorial política, pois como mostra Bernardo Mançano, Fernandes: território envolvi uma totalidade “Aqui é necessário lembrar seus atributos: cada território é uma totalidade, por exemplo: os territórios de um país, de um estado, de um município ou de uma propriedade são totalidades diferenciadas pelas relações sociais e escalas geográficas.” Fernandes (s/d, p. 5). Estas territorialidades muitas vezes coexistem, uma sem negar a outra como o território de uma cidade existe dentro do território de país, sem com isso nega-lo “Essas totalidades são multidimensionais e só são completas neste sentido, ou seja, relacionando sempre a dimensão política com todas as outras dimensões: social, ambiental, cultural, econômica etc.” Fernandes (s/d, p. 5).

Nas comunidades remanescentes quilombolas, as mesmas se encontrarem dentro do território político acima descrito, porém isso não anula as outras características destas, principalmente no que diz respeito a característica cultural das mesmas, ou seja, devemos considerar cada um destes aspectos, pois estas comunidades pertencem a um território político mais também a um território cultural onde se vive e mantem suas tradições e crenças.

Considerando um território quilombola com todas as suas características próprias que os identifica, e ao mesmo tempo dentro de um território político, sendo um território dentro de outro território. De acordo com Porto- Gonçalves (2006) o território:

É espaço apropriado, espaço feito coisa própria, enfim, o território é instituído por sujeitos e grupos sociais que se afirmam por meio dele. Assim, há, sempre, território e territorialidade, ou seja, processos sociais de territorialização. Num mesmo território há, sempre, múltiplas territorialidades. (PORTO- GONÇALVES apud, 2006, p.5).

E o território quilombola é o lugar onde estas pessoas conseguem afirmar sua identidade, se não com consciência clara de uma pertença as comunidades tradicionais ao menos, na identificação de pertença a sua comunidade.

CAPÍTULO III – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Fonte oral

Neste trabalho foi utilizado como procedimento metodológico a História Oral a fim de responder as fichas lexicográficas, especificamente nos campos *motivações* e *histórico*, necessários na produção de dados/fontes e consequente conhecimentos. O viés interdisciplinar possibilitado pela História Oral consegue abranger aspectos que conectam local e global, e processar dados qualitativos. Segundo Lozano (2016):

Diria que é antes um espaço de contato e influência interdisciplinares; sociais, em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações *qualitativas* de processos histórico-sociais. Para isso, conta com métodos e técnicas precisas, em que a constituição de fontes e arquivos orais desempenha um papel importante. Dessa forma, a História oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na *visão e versão* que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais. (LOZANO, 2016, p. 16).

A fonte oral contribuiu com a compreensão da motivação dos topônimos analisados. É ainda importante frisar que a História Oral consegue entre outras coisas ser também uma história popular, daqueles que por muito tempo ficaram a margem da historiografia brasileira como é o caso das comunidades quilombolas, a qual teve sua história por muito tempo foi silenciada.

A consideração do âmbito *subjetivo* da experiência humana é a parte central do trabalho desse método de pesquisa histórica, cujo propósito incluiu a ampliação, no nível social, da categoria de produção dos conhecimentos históricos, pelo que também se identifica e solidariza com muitos dos princípios da tão discutida ‘História popular’. (LOZANO, 2016, p. 16).

Constituindo-se como História do tempo presente, tendo em vista os testemunhos oculares, através dos depoimentos apresenta a perspectiva do tempo presente em relação ao momento do passado no qual suas respectivas comunidades, foram nomeadas, o alvo de críticas oriundas de outras correntes historiográficas. Assim a História Oral foi utilizada como fonte de pesquisa histórica essencial no estudo dos topônimos, como salienta Lozano:

A historia oral poderia distinguir-se como um procedimento destinado à constituição de novas fontes para a pesquisa histórica, com base nos depoimentos orais colhidos sistematicamente em pesquisas específicas, sob métodos, problemas e pressupostos teóricos explícitos. Fazer História Oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos “outros”. (LOZANO, 2016, p. 17).

Este conhecimento histórico que foi utilizado nesta pesquisa. Na análise dos dados e tratamento das fontes mesma, foram considerados informações teóricas e metodológicas pertinentes a História Oral, como correlacionamos com as fichas, essa soma de instrumentos efetivou um caminho próprio na produção desse conhecimento. Assim:

Quando realiza entrevistas, certamente o historiador deve trabalhar segundo suas técnicas próprias, mas também deve ter em mente dois outros procedimentos, tomados de empréstimo a disciplinas vizinhas: por um lado, servir-se das contribuições da sociologia na condução e na formulação das pesquisas; por outro, não negligenciar elementos de psicologia, psicossociologia e psicanálise. Para ele, não se trata de propor interpretações da mensagem que lhe é comunicada, mas de saber que o não-dito, a hesitação, o silêncio, a repetição desnecessária, o lapso, a divagação e a associação são elementos integrantes e até estruturantes do discurso e do relato. Não cabe desesperar-se com mentiras mais ou menos fáceis de desmascarar nem com o que pode ser tomado como contra verdades da palavra-fonte. (VOLDMAN, 2016, p. 38).

Esta busca por compreender o conhecimento que nem sempre é explícito é um elemento fundamental para que a fonte oral possa ser empregada como um instrumento que contribui na produção de saberes e conhecimento. Desta forma a fonte oral foi importante nesta pesquisa mesmo levando em conta que é preciso questionar a mesma, pois esta como qualquer outra fonte precisa ser questionada, mas esta não é menos tendenciosa, que as fontes documentais e tem a mesma importância de qualquer outra fonte.

A História Oral é algo que mantém uma estreita relação com a memória e a cultura contemporânea, pois é com o olha do presente que os entrevistados enxergam o passado.

Há uma última dimensão em que os campos da História e da memória se entrelaçam, uma dimensão em que a História Oral tem tido especial importância, não tanto por seus produtos, mas mais por seus processos: pelo envolvimento maior na recuperação e na reapropriação do passado que a História Oral possibilita. Aqui, a relação lança sombras na direção oposta: não se trata apenas de entender as dimensões da memória coletiva no contexto da História, mas sobretudo de entender como a historicização formal e autoconsciente vem se transformando numa dimensão cada vez mais importante do como lembramos o passado e entendemos sua relação com a vida e a cultura contemporânea. (FRISCH, 2016, p. 78-79).

A partir desta estreita relação entre a História Oral e a memória, que se evidencia a importância dos relatos orais neste estudo. Também se faz necessário entender duas questões a primeira é que todo indivíduo faz parte da memória coletiva, a segunda é de que a memória coletiva nunca é percebida por todos da mesma forma como expõe Rousso (2016). E por isso pode ser encontrado certas diferenças nos relatos.

Se o caráter coletivo de toda memória individual nos parece evidente, o mesmo não se pode dizer da idéia de que existe uma “memória coletiva”, isto é, uma presença e portanto uma representação do passado que sejam compartilhadas nos mesmos termos por toda uma coletividade. (ROUSSO, 2016, p. 95).

Durante as entrevistas, ficou explícito que a memória coletiva nem sempre corresponde a memória individual. Alguns sujeitos da pesquisa quando entrevistados mesmo sendo da mesma comunidade informava particularidades em seus relatos, próprios da sua autobiografia. Sendo a fonte oral muito importante se faz necessário argumentar que a memória destes entrevistados é a forma como no presente as pessoas veem os fatos do passado.

É mais do que sabido que é, aliás, sua peculiaridade poder valer-se de uma fonte de informação sobre a vivência de um indivíduo, sobre o que é inacessível através de arquivos, sobre sua visão contemporânea (isto é, do momento em que fala) dos fatos estudados pelo historiador. Porém essa “fonte” não é nem mais nem menos importante para os historiadores que lidam com a História da recordação de um acontecimento do que o é para aqueles que lidam com o próprio acontecimento. (ROUSSO, 2016, p. 98).

Esta como qualquer fonte histórica tem sua importância, seus pontos positivos e negativos e como qualquer outra, é de grande importância para a produção do conhecimento histórico, desde que seja bem utilizada. Porém é interessante notarmos que há diferença entre *História Oral e tradição oral*.

As expressões “tradição oral” e “História oral” continuam ambíguas, porque suas definições mudam no uso popular. Às vezes, a expressão “tradição oral” identifica um conjunto de *bens materiais* preservados do passado. Outras vezes, a usamos para falar do processo pelo qual a informação é transmitida de uma geração à seguinte. “História oral” é uma expressão mais especializada, que em geral se refere a um *método* de pesquisa, no qual se faz uma gravação sonora de uma entrevista sobre experiências

diretas ocorridas durante a vida de uma testemunha ocular. (CRUIKSHANK, 2016, p. 151).

Desta maneira pode se dizer que a História Oral é o método de pesquisa onde se registra as experiências de vida do entrevistado, experiências estas, que esclarecem muitas coisas com relação a identidade da comunidade onde o entrevistado está inserido como é o caso das entrevistas utilizadas neste estudo.

A História Oral não estuda simplesmente o passado mais também a forma como é vivenciado o presente. Pois as pessoas e a cultura estão em constante transformação e atendem as demandas do presente, estas testemunhas do passado ressignificam suas memórias e são algumas destas ressignificadas que teremos acesso e que serão analisadas neste estudo.

Este breve apanhado da situação indica, portanto, que a narrativa oral tem sido analisada tanto como evidência sobre o passado quanto como evidência sobre a construção social do presente. Exemplos extraídos da História recente apontam ligações entre a tradição oral e a criação de nações, salientando a distinção imprecisa entre as metas da autonomia cultural e as do pragmatismo burocrático. O poder cumulativo desses pontos de vista é o reconhecimento crescente de que a tradição oral vincula o presente ao passado. (CRUIKSHANK, 2016, p. 155).

No sentido de expressar vinculação entre presente e passado que a identidade de uma comunidade vai se evidenciando. Entretanto não se tem a pretensão de realizar uma reconstituição da História Cultural que está por traz do ato de nomear estagnada, mas levando em conta que esta sofre ressignificação.

Uma postura cultural construtivista posta sugere que a cultura está sempre em processo de ser redesenhada em decorrência de condições externas. A cultura, por este ponto de vista, não é um conjunto empírico de características passadas intactas de uma geração a outra; e sim, criativamente reconstruída a cada geração para solucionar problemas sociais e políticos do presente. E mais, este é um processo humano normal e provavelmente sempre o foi. (CRUIKSHANK, 2016, p. 164).

Com isso neste trabalho objetivamos a reconstituição da causa para as nomeações das comunidades analisadas, como ocorreu este acontecimento, com todas as suas ressignificação, as quais evidencia a identidade das comunidades.

Para a concretização das entrevistas, caracterizamos o perfil de pessoas mais adequadas para se fazer as entrevistas e entre os requisitos destacamos os seguintes: “De modo geral, deve-se dar prioridade a entrevistas com pessoas de certa idade.” Tourtier-Bonazzi (2016, p. 233).

Neste percurso realizamos entrevistas utilizando os seguintes critérios: pessoas que tenham mais de 50 anos e de preferência que sempre tenha morado na comunidade estudada, ou quando não encontrado moradores com estas características (que quisessem dar entrevistas)

se optou por entrevistar as pessoas com idade mais próxima a esta, que foi estipulada, destacamos que uma condição indispensável foi que o entrevistado residisse ou possuísse moradia na comunidade, em outros casos mais específicos optou-se por entrevistar o morador que possuía vínculo parental com os moradores mais antigos da comunidade analisada e que conhecem ao menos em partes a história da nomeação da mesma.

E ainda mais especificamente os critérios para as entrevistas foram pessoas que moravam na comunidade desde o seu nascimento ou que morassem na mesma a mais de 40 anos na mesma; porém em algumas comunidades não foi possível seguir tal critério, sendo aceito então os critérios de se ter certo grau de parentesco com os primeiros moradores de tais comunidades sendo este vínculo bastante estreito, como exemplos: neto, bisneto ou tataraneto, condicionado ao conhecimento da história da comunidade.

Isso nos casos onde as pessoas que atendiam o critério de idade não consentiram em dar entrevista argumentando que não tinha conhecimento sobre a história do lugar como também dos motivos da nomeação da comunidade. Exemplo de uma destas exceções é o caso da comunidade Lagoa das Pedras, Cal e Moreira de Baixo o motivo foi houve um o senhor que argumentou que tinha certo grau de parentesco com os primeiros moradores destas três comunidades.

No que se refere a coleta de dados, foi efetivado através da realização das entrevistas com visita as comunidades analisadas. Selecionamos os dois moradores mais antigos da comunidade que se dispuseram a dar entrevista, levando em consideração o fato de que no caso das comunidades Lagoa das Pedras, Cal e Moreira foram realizadas três entrevistas com um mesmo senhor. Os relatos do sujeito entrevistado diferiam tendo em vista a ênfase em informações para cada comunidade. Isso se deu pelo fato de que este senhor argumentou que seus antepassados foram os primeiros moradores das três comunidades em questão.

É importante mencionar as dificuldades durante a coleta de dados por conta de ter optado pela História Oral e alguns sujeitos pesquisados não saber informar sobre a motivação do nome da comunidade como ocorreu na comunidade Barro Preto e Cal. Durante a pesquisa de campo haviam umas senhoras que eram bastantes idosas mas que porém não sabiam falar sobre tal assunto, no Barro Preto a senhora argumentou que por certos problemas de saúde não se encontrava mais em condição de dar a entrevista, já no caso do Cal a entrevistada argumentou que não podia dar a entrevista pelo fato de que nunca tinha tido acesso a tais informações e já a da comunidade Lagoa das Pedras a mesma simplesmente disse que não sabia responder.

A escolha dos entrevistados se deu a partir do conhecimento prévio destas comunidades, onde a facilidade em identificar os moradores mais antigos das mesmas. A coleta de

informações também foi possibilitada, com os próprios moradores das comunidades analisadas os quais prestaram informações a respeito de quem atendia aos pré-requisitos acima expostos.

Para a realização das entrevistas foi utilizado um aparelho de gravador no qual as informações eram retidas e posteriormente armazenadas no pen drive e um celular. Todas as gravações foram feitas com estes dois instrumentos para evitar possíveis perdas das entrevistas, e eventuais perdas dos dados coletados, ou falseamento dos mesmos. Todos os sujeitos pesquisados assinaram o termo de consentimento possibilitando assim a autorização, das informações para a produção do conhecimento científico e ainda aceitaram tirar uma foto as quais se encontra em apêndice neste trabalho. Após o termino das entrevistas, as mesmas foram transcritas e sistematizadas nas fichas lexicográficas o mais relevante para este estudo.

Nesse sentido, o depoimento oral foi de fundamental importância na definição da narrativa histórica. Ressaltamos que a problematização dessas narrativas se restringiram apenas a compreender as motivações do processo de nomeação do lugar.

3.2 Pesquisa descritiva exploratória

Este trabalho foi realizado, através de pesquisa que apresenta características *descritiva e exploratória*; com base no que é proposto como pesquisa descritiva Gil (2002) expõe que: “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” Gil (2002, p. 42). A descrição se efetivou com o preenchimento das fichas lexicográficas. E com relação aos elementos que caracteriza pesquisa como pesquisa exploratória é perceptível aquilo que expõe Gil ao argumentar com relação as características da pesquisa exploratórias:

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torna-lo mais explicito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. (GIL, 2002, p. 41).

Este estudo buscou construir hipótese das causas para a motivação do nome das comunidades remanescentes quilombolas que foram o objeto de estudo deste trabalho. Em relação as técnicas utilizadas para executar este trabalho, inicialmente houve o aprofundamento através da compreensão sobre a bibliografia que já tenha sido produzida sobre o tema e que tem maior relevância a pesquisa.

Posteriormente na pesquisa de campo foram realizadas entrevistas semiestruturadas, fundamentais no preenchimento das fichas lexicográficas, essencial na classificação da Toponímia. Sendo estas entrevistas um dos principais documentos utilizados na pesquisa, pois o conceito de documento se mostra bastante abrangente como Gil esclarece com relação a documento: “Incluem-se aqui inúmeros outros documentos como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações,” Gil (2002, p. 46).

Nesta perspectiva as gravações das entrevistas orais constituíram, outro documento que junto com os documentos escritos compõe os documentos históricos utilizados nesta pesquisa. E no procedimento das entrevistas é inserido de forma objetiva as perguntas feitas na entrevista, pois certas partes da entrevista não se mostraram relevantes a pesquisa, por isso as mesmas não foram colocadas nas fichas.

Ainda vale resaltar que na transcrição das entrevistas optamos por adequar a forma como as pessoas pronunciaram cada palavra, ao padrão gramatical na língua portuguesa e inclusive completar o sentido de certas frases, e retirar algumas palavras que se mostravam sem sentido no texto e quando isso ocorreu foi mostrando que houve palavra suprimida através de parênteses. Isso com o intuito de proporcionar uma melhor compreensão do sentido das frases, sem com tudo prejudicar o sentido das entrevistas, tendo sido mudado apenas aquilo que se mostrou indispensável a compreensão do texto.

3.3 Catalogação dos dados: modelo de ficha lexicográfica

A forma utilizada para obter os dados da Toponímia fundamentou-se no preenchimento das fichas lexicográficas. Como argumenta Seabra: “A ficha lexicográfica pode ser descrita como um conjunto estruturado de informações sobre um topônimo, objetivando explicitá-lo e classificá-lo.” Seabra (2007, p. 47). A partir destas informações propiciadas pelo preenchimento das fichas lexicográficas, se realizou a análise da História Cultural destas comunidades. Uma das formas utilizadas para o preenchimento das fichas é aquilo que foi encontrado referente ao topônimo na forma de documento escrito e como também em dicionários e afins.

Consideramos ainda na coleta de dados fontes orais, as quais também contribuíram para o preenchimento da ficha lexicográfica. Usando para isto o modelo de ficha da Toponímia de Dick (2004) com certas adaptações para esta pesquisa. Pois esta ficha é um elemento fundamental para se conseguir fazer um proveitoso estudo toponímico.

E com estes dados que foram extraídos das fichas lexicográficas, pôde-se realizar um estudo comparativo referente às fontes orais e às fontes escritas, as quais contribuíram para o enriquecimento desta pesquisa, que por sua vez buscou produzir uma análise da História Cultural das comunidades remanescente quilombola do município de Água Branca, Alagoas.

A seguir o modelo da ficha lexicográfica, instrumento essencial na realização desse estudo.

TOPÔNIMO:
TAXONOMIA:
LOCALIZAÇÃO:
ACIDENTE:
ORIGEM:
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:
RELATOS ORAIS:
HISTORICO:

Ficha 1- modelo de ficha lexicográfica adaptação de Dick, 2004.

Os elementos necessários na compreensão deste estudo e que compõem a ficha, são:

Topônimo: Neste campo registrou-se o nome da comunidade a qual a ficha está sendo destinada, de acordo com os relatos orais, extraídos das entrevistas com alguns dos moradores mais antigos de cada comunidade estudada.

Taxonomia: neste campo foi registrado a taxa à qual tal o topônimo pertence, de acordo com o modelo sugerido por Dick (1987) e que foi anteriormente explicitado.

Localização: foi mencionado o nome da cidade e do Estado a qual a comunidade analisada pertence (neste caso todos pertencem a Água Branca, Alagoas).

Acidente / humano: Este campo é compreendido a partir da perspectiva semântica. E como foi explicitado no segundo capítulo, o mesmo se divide em acidente físico e acidente humano. No caso desta investigação todos os topônimos se referem a acidentes humanos. E neste campo ainda é acrescentado a nomeação genérica de cada topônimo, ou seja, se este é um sítio, povoado etc.

Origem: Este campo foi preenchido explicitando à qual língua pertence o topônimo.

Informações enciclopédicas: apresentamos o sentido etimológico do topônimo.

Relatos orais: traz as motivações informadas pelos entrevistados, como causa da nomeação de tal comunidade. É importante esclarecer que neste trabalho o que foi levado mais em conta para a investigação dos topônimos foram os relatos orais.

Histórico: Este item explicitou os antigos nomes da comunidade analisada, de acordo com o que foi relatado nas entrevistas orais.

CAPÍTULO IV – DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A Toponímia enquanto campo de estudo subsidiou essa pesquisa como fonte de pesquisa e também como procedimento metodológico, tendo em vista a utilização das fichas lexicográficas que constitui um instrumento de coleta de dados deste campo de estudo, conforme informações explicitadas nas mesmas abaixo.

4.1 Comunidade Serra das Viúvas

<p>TOPÔNIMO: Serra das Viúvas.</p>
<p>TAXONOMIA: Geomorfotopônimo.</p> <p>LOCALIZAÇÃO: Água Branca, Alagoas.</p> <p>ACIDENTE/humano: Povoado.</p> <p>ORIGEM: Portuguesa.</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Derivado do latim, “serra ser.ra sf. 1. Instrumento cortante cortante com lâmina ou disco, denteado e de aço. 2. Essa lâmina ou esse disco. 3. Cadeia de montanhas com muitos picos.” (Ximenes, 2001, p. 792). Derivada do latim, “viúva vi.ú.vasf. 1. Mulher cujo marido faleceu, e que ainda não voltou a casa-se. 2. Bras. Pessoas que ainda cultua um líder, artista, etc., já morto ou no ostracismo. 3. Bras. O tesouro Nacional.” (Ximenes, 2001, p.895).</p> <p>RELATOS ORAIS:</p> <p>Informante 1: M.I.,75 anos, 09/08/2016.</p> <p>PESQ: - A senhora sempre morou nesta comunidade?</p> <p>INF 1: - É.</p>

PESQ: - Qual o nome da comunidade?

INF 1: - *É, de quando eu nasci até hoje, só conheço por Serra das viúvas.*

PESQ: - Como surge a comunidade?

INF 1: - (...) *eu imaginava que podia ser umas viúvas que tinha aqui né? Que morava perto da casa da minha vó, mas hoje já contam que não foi assim. (...). Foi no tempo de Lampião, (...) o povo tinha medo dele, elas em algum lugar, né? Então se mudaram, pra essa serra aqui, então mostram até o lugar, onde elas se hospedaram, as três viúvas. (...) Que Correram de lá, de perto do Lampião e se hospedaram ali no cerrotinho, ai (...) ficaram chamando Serra das Viúvas.*

PESQ: - Por qual motivo foi colocado este nome?

INF 1: - *É acho que por que as viúvas correram de lá pra cá, ai se ainda não tinha nome nesta Serra, certamente né? Ou podia ser o nome Ouricuri que é próximo né?(...) Ai quiseram botar o nome Serra das Viúvas. Ai, aqui também pra frente tem outro lugarzinho próximo, daqui que chama o Pau D`Alho.*

PESQ: - Quem teria sido o fundador da comunidade, as pessoas que chegaram primeiro?

INF 1: - *(risos) (...) Aqui foi minha avó que chegou primeiro. (...) Na Serra das Viúvas! (...) Não tinha moradia, aqui quase nem uma (...). Ai minha vó era de Aracajú e casou, (...) o marido dela era daqui, ai ela veio marar aqui né?*

PESQ: - Antes de tua avó, já havia gente morando na comunidade?

INF1: - *Morava lá (...) no Pau D`Alho tinha uma casa. Olhe como eram poucas as casa, no Pau D`Alho tinha uma casa! Ali assim mais pra frente tinha a casa das viúvas. (...) Era duas viúvas.*

PESQ: - Qual a quantidade de viúvas?

INF1: - *Duas (...) Ai já acolá, mais pra cima, ante de chegar no Ouricuri, ainda nessa terra de cá, chegou estas três que o lampião... Que correram com medo de Lampião, ai ficaram ai (...).*

PESQ: - Antes de essas viúvas chegarem, já havia gente neste lugar?

INF 1: - *Lá em cima morava um senhor (...). Antes das viúvas.*

PESQ: - Teria sido este senhor, que colocou o nome na comunidade?

INF 1: - *Eu não tô sabendo se foi ele né! (...) Ele chamava Mané Serrote (...) Morava lá (...) chamavam ele Mané Serrote. (risada).*

PESQ: - A senhora realmente sabe, enfim quem teria dado o nome a comunidade?

INF 1: - *Sei não, informa não. Quem foi eu não sei né?*

PESQ: - Esse lugar já teve outro nome?

INF 1: - *Não. De quando eu alcancei pra cá é Serra das Viúvas mesmo.*

PESQ: - Quando foi criada esta comunidade?

INF 1: - *Eu não sei o tempo, mas eu estou com setenta anos (...). Minha mãe, era filha da minha avó. Pode (...) tá ai com uns, cem anos, ou! olhe lá né? (...). A minha mãe morreu com oitenta anos.*

PESQ: - Após o reconhecimento de comunidade quilombola houve mudança no nome da comunidade?

INF 1: - *Não.*

PESQ: - A senhora tem algum grau de parentesco com os fundadores da comunidade Serra das Viúvas?

INF 1: - *Eu acho, tenho. Meu o meu avô era, (...) o pai dele era, chamava Doroteu. (...) Era dali do Ouricuri, e a minha avó era de Aracajú.*

PESQ: - Estes que a senhora citou, foram os primeiros moradores desta comunidade?

INF 1: - *Os primeiro tinha alguns dali, (...) puxando mais pra lá né? É era Antônio Souza e João, esses vieram do Sul.*

PESQ: - Então estes que a senhora cita foram os primeiros moradores da comunidade?

INF 1: - *Tinha um aqui, um senhor ai que chamava João Pandé.*

PESQ: - Os primeiros moradores desta comunidade eram negros?

INF 1: - *(riso) Bom eu não sei (...) se eram negros, mas a cor era negra, é?*

Informante 2: I. O. S., 51 anos, 09/08/2016.

PESQ: - A senhora sempre morou nesta comunidade?

INF 2: - *Deste que nasci eu vivo aqui, graças a Deus!*

PESQ: - E qual o nome da comunidade?

INF 2: - *Serra das Viúvas. Quilombola!*

PESQ: - Como surgiu essa comunidade?

INF 2: - *Olha, os meus mais velhos disseram assim que (...) foi por que vivia aqui três pessoas, três viúvas né? (...) E o povo só (...) diziam mesmo assim: vamos pra casa das viúvas. Ai assim foi gerando e elas, morreram, ai foi chegando mais gente, e foi*

aumentando o lugar e hoje em dia já estamos aqui bem... Tem bastante gente tem setenta e poucas família.

PESQ: - Por qual motivo colocaram este nome?

INF 2: - *Por causa das viúvas.(...) É que todo mundo só dizia vamos pra casa das viúvas (...). E ai acabou por viúva.*

PESQ: - De onde essas viúvas vieram?

INF 2: - *Agora as viúvas! Eu não sei dizer, (...) de onde foi que elas vieram não.*

PESQ: - Quem fundou a comunidade?

INF 2: - *Vige é muito velha, é! Eu conheci minha bisavó, minha bisavó bem velhinha, bem velhinha e já tinha bastante casa, eu num sei dizer não.*

PESQ: - Poderia ter sido as viúvas, as fundadoras da comunidade?

INF 2: - *Eu estou achando (...). Era só tinha estas três casas, que eram destas viúvas.*

PESQ: - Havia gente antes dessas viúvas na comunidade?

INF 2: - *Não, tinha não! Só eram elas mesmas.*

PESQ: - Por que deram este nome à comunidade?

INF 2: - *Por causa que essas viúvas moravam aqui né? (...) E todo mundo só dizia, vamos pra casa das viúvas, vamos pra casa das viúvas e a findou elas morrendo e o nome ficou, por viúva.*

PESQ: - Foram as pessoas que iam à comunidade que teriam dado o nome à mesma?

INF 2: - *Sim, só iam pra casa das viúvas. E as viúvas morreram e ficou o povo com este nome deste lugar diz viúva.*

PESQ: - A comunidade já teria tido outro nome?

INF 2: - *Não.*

PESQ: - A quanto tempo foi criada a comunidade?

INF 2: - *Tá velha, tá velha, velha mesmo, eu não sei nem dizer. Por que eu tive, eu tive a minha bisavó né? (...) Ela já era bem velhinha. Eu não sei quantos anos é que tá não, sei não sei.*

PESQ: - Com relação às pessoas que primeiro povoaram esta comunidade esta entrevistada argumenta.

INF 2: - *(...) Agora depois veio gente, de Piranhas, de Pial pra aqui, quando essas velhas, essas três viúvas morreram. Veio um bocado de gente de lá (...) que era um lugar*

chamado Panela, que é ali pro lado do Pial. Ai veio esse povo pra cá. E a gente nunca procurou o que nós era né? Ai fomos procurando, assim, os mais velhos foram procurar, por causa é que chamavam que era uma família quilombola, ai foram contando as histórias. Ai quando (...) terminou agente (...) Ai foi o jeito botar este nome, por que nós era quilombolas, por que já, esta família já vinha de lá.(...) Meu pai cansava de dizer que quando ia ali pra Cobra, tinha que curva assim por causa que quando (...) o coronel estava né?(...) Ai se não fizesse assim, ele não, não passavam e se passasse quando voltava, (...) ele batia, ai todo mundo tinha que fazer isso.

PESQ: - A senhora tem algum grau de parentesco com os fundadores da comunidade.

INF 2: - *Tem não, tem não!*

PESQ: - Ocorreu mudança no nome da comunidade após o reconhecimento de comunidade quilombola.

INF 2: - *Não, só foi esse mesmo!*

PESQ: - A entrevistada argumentando sobre o processo de tomada de consciência de serem remanescentes quilombolas.

INF 2: - *(...) Chegava gente: e por que é que vocês são quilombolas. Ai a gente dizia, por que nossa família, pai cansava de, de trabalha, e (...) Aos trabalhadores só, pagavam o tanto de comprar um quilo de fato era (...) Ele dava um dia pelo quilo de fato, mãe cansava de dizer. Ia trabalhar e os (...) donos de seus terrenos dizia: Cirço vamos, vamos correr, ajuntava aquele bocado de homens para (...) trabalhar a ele longe né? Vamos correr pra vê se nós chegamos mais de pressa, se nós pega fulano. Como se fosse assim (...) e a correndo pra pegar fulano, mas não era pra chegar cedo, (...) no terreno (...) desse homem né? Ai eu, eu acho assim que agente foi muito explorado, ele fazia isso como se fosse mesmo pra explora agente né? Por que se não fosse ele. Agente ia, sossegado (...)*

PESQ: - A senhora tem algum grau de parentesco com os fundadores desta comunidade?

INF 2: - *Tem não, tem não.*

PESQ: - Os primeiros moradores, ou estas viúvas eram negras?

INF 2: - *Não sei responder (...).*

HISTORICO: Não houve.

4.2 Comunidade Barro Preto

TOPÔNIMO: Barro Preto.

TAXONOMIA: Litotopônimo.

LOCALIZAÇÃO: Água Branca, Alagoas.

ACIDENTE/humano: Sítio.

ORIGEM: portuguesa.

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: barro = “origem pré-românica”. “barro bar.ro sm. Argila, lama.” (Ximenes, 2001, p.113).

Preto= “preto do latim prettus”. “preto pre.to (ê)adj. 1. Da cor mais sombria; da cor do carvão; negro. 2. Sujo, encardido. 3.Fig. Difícil, complicado. ● A situação está preta. ● adj. e sm)4. (Indivíduo) negro. ● sm. 5. A cor preta.” (Ximenes, 2001, p.700).

RELATOS ORAIS:

Informante 1: I. M. S., 76 anos, 02/08/2016.

PESQ: - A senhora sempre residio em tal comunidade?

INF 1: - *É. Nessa comunidade.*

PESQ: - Qual o nome da comunidade?

INF 1: - *Sítio, Barro Preto.*

PESQ: - Por qual motivo foi colocado este nome na comunidade?

INF 1: - *Barro Preto! Sei não!*

PESQ: - Quem foram os fundadores da comunidade?

INF 1: - *Os primeiros moradores, foi, meus avós né? (...) Pai, mas ai eu não sei (...) antes.*

PESQ: - Qual o nome deles?

INF 1: - *Do meu avô era Ramilo. (...) E Josefa!*

PESQ: - Quando os pais da senhora vieram para esta comunidade ainda não havia ninguém morando na comunidade?

INF 1: - *Tudo indica né? Que o vô quando vem agente não sabe, mas depois eu conheci bem minha vó. E chamava-se aqui Morrinho. Conheci chamando Morrinho, depois mudarão pra Barro Preto, agora que. (...) Não sei o significado.*

PESQ: - Por que do nome Morrinho?

INF 1: - *Ai também não sei né? Agente não sabe!*

PESQ: - Por qual motivo se deu a mudança de nome?

INF 1: - *Não sei.*

PESQ: - Havia alguma relação entre os dois nomes?

INF 1: - *Não!*

PESQ: - A quando tempo houve a mudança de nome?

INF 1: - *Há eu tenho setenta e seis anos e eu ainda conheci chamando Morrinho né? Tá com essa base assim de... Que, (...) antigamente não havia eleição né?(...) Ai quando começaram lá, (...) o pessoal votando, ai colocarão. Parece que foi por causa disso. Sei que (sussurra) começaram tirando o documento, que o povo não tinha nem documento. (...) Ai tirava, tirarão o documento já com esse nome: Sitio Barro Preto!*

PESQ: - Tem mais de setenta anos que ocorreu tal mudança?

INF 1: - *Tem de sessenta pra frente!*

PESQ: - Quem foram os fundadores da comunidade?

INF 1: - *Sei não!*

PESQ: - Quais foram os primeiro moradores?

INF 1: - *(...) Após os primeiro que, morou foi, Manuel Teixeira Gomes (...) e Ramilo Pereira dos Santos... Eles moravam aqui. É, ali do Boqueirão pra cá. (...) E sabe a casa de Lapidade? (...) Ali, já pertencia tudo a aqui. A minha vó era irmã da Mãe de Lapidade.*

PESQ: - Qual o nome da avó?

INF 1: - *Josefa Ramilo dos Santos.*

PESQ: - Foram estes os fundadores da comunidade?

INF 1: - *É! Isso!*

PESQ: - Estes primeiros moradores foram quem deram o nome a comunidade?

INF 1: - *Não... eu num explico, não sei explicar não! (...) Várias pessoas já andaram aqui me perguntando isso, essa informação, mas eu não sei informa nada. (...) Só sei informar o nome de meus pais e dos avós.*

PESQ: - Tinha algum vinculo entre os primeiros moradores, com quem colocou o nome na comunidade?

INF 1: - *Sei não, sei que compadre Zé Belega é que é Manuel Teixeira Gomes, mais conhecido como Belega né?(...) E Ele era irmão do Meu avô e a mulher dele, do finado Belega era irmã da minha avó também. Zé Belega mais Pedro Ramilo eram assim os pais. Os quatro né? Pai e mãe tudo irmãos.*

PESQ: - A senhora sabe que hoje esta comunidade é remanescente quilombola?

INF 1: - *É, mais antes agente não conhecia como quilombola né?*

PESQ: - Houve mudança no nome da comunidade após o reconhecimento quilombola?

INF 1: - (...) *Não teve mais mudança não.*

PESQ: - A senhora é parente dos fundadores desta comunidade?

INF 1: - *Parentesco tenho é. São assim meus avós, e tios.*

PESQ: - Os primeiros moradores eram negros?

INF 1: - *Eram!*

Informante 2: M. I., 82 anos, 02/08/2016.

PESQ: - A senhora reside nesta comunidade deste que nasceu?

INF 2: - *Foi, nunca mudei.*

PESQ: - Qual o nome da comunidade?

INF 2: - *Barro Preto!*

PESQ: - Quais os motivos para que se tenha dado a nomeação de tal comunidade?

INF 2: - *Não sei, acho que, paisinho é que colocou o nome!*

PESQ: - Este *paisinho* era o pai da senhora:

INF 2: - *O vô!*

PESQ: - Como começou a comunidade?

INF 2: - *Não sei, não entendo!*

PESQ: - A comunidade já teve outro nome?

INF 2: - *Não.*

PESQ: - Quais foram os primeiros moradores da comunidade?

INF 2: - *Paisinho mais, (...) Ramilo; dois irmão! (...) É por que paisinho era irmão de Ramilo né?*

PESQ: - Quem teria dado nome a comunidade?

INF 2: - *Os dois.*

PESQ: - Depois esta entrevistada ainda comentou sobre os primeiro moradores, o seguinte:

INF 2: - *Por que o povo falava que aqui, ante dele vim, era dos índios né? (...) Era dos índios, antes de vim pra aqui, do meu avô vim pra qui, era dos índios. (...) Era dos quilombolas. (...) Dos negros! Que eu não entendo mas, eu não sei nem dizer como*

era né? (...) E aí, daí não sei como surgiu (...). Sei que eles moravam no Boqueirão e vieram morar aqui os dois, compraram e ficarão morando os dois, só os dois. Aí depois foi que virou cidade. (...) É dois, (...) irmão.

PESQ: - E depois do reconhecimento de comunidade quilombola houve mudança no nome da comunidade?

INF 2: - *Não!*

PESQ: - Estes primeiros moradores eram negros?

INF 2: - *Não paisinho era bem alvo, Zé Ramilo eu num conheci, mas paisinho era alvo mesmo!*

PESQ: - Quem teria dado nome a comunidade?

INF 2: - *Não, (...) sei! (...).*

PESQ: - Sobre as mulheres dos dois irmãos que segundo a entrevistada chegaram primeiro a comunidade, a entrevistada argumenta:

INF 2: - *Josefa e Ana, a mulher de Ramilo, Josefa e a mulher de meu paisinho Ana. (...) Eu não sei de donde era, mas acho que mãezinha, (...) mãezinha era, do Moreira, por que, (...) essa imagem de Senhor. (...) Eu fui buscar no Moreira láaaa há Baixo da Barragem (...). A família de mãezinha era dali, conheci ela dali por ali.*

PESQ: - Sobre o avô a mesma argumenta:

INF 2: - *E paisinho era Boqueirão (...).*

PESQ: - A mãe da senhora era negra?

Inf 2: - *“Não Mãezinha era, era Morena, que nem nós. Danada não era? (riso). (...) Mãe, mãezinha, era, era morena, dos cabelo que nem o meu. E paisinho era alvo do cabelo bom.*

PESQ: - Os avós da senhora foram os primeiros a chegarem na comunidade?

INF 2: - *Não sei!*

Depois ela ainda diz que de onde ela alcançou tinha a casa de algumas outras poucas famílias no lugar quando a mesma nasceu.

HISTORICO: Segundo o relato da primeira entrevistada esta comunidade já teria tido outro nome que seria *Morrinho*, porém a segunda entrevistada argumentou que esta comunidade sempre teria sido chamada de *Barro Preto*.

4.3 Comunidade Moreira de Baixa

TOPÔNIMO: Moreira de Baixo.

TAXONOMIA: Antropotopônimo.

LOCALIZAÇÃO: Água Branca, Alagoas.

ACIDENTE/humano: Povoador.

ORIGEM: Portuguesa.

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Moreira:

Significa “aqueles que vivem perto da árvore de amoras”.

Moreira é um nome de família de origem portuguesa, classificado na onomástica como de raízes tipicamente toponímias.

De acordo com os registros históricos, este sobrenome surgiu na freguesia de Santa Maria de Moreira (atualmente conhecida por Moreira do Castelo), na comarca de Celorico de Basto, em Portugal, onde residia Pedro Pires Moreira, um cavaleiro e contemporâneo dos reis D. Sancha I e D. Afonso II, considerado o primeiro a iniciar a descendência dos Moreiras no país.

Estima-se que a região tenha sido batizada de Santa Maria de Moreira pela quantidade de amoreiras (árvores de amora) que tinha no local.

O brasão oficial da família Moreira é conhecido por ser vermelho, com nove escudetes de prata, sendo que cada um é carregado de uma cruz florenciada de verde, postos em três palas.

O sobrenome Moreira foi trazido para o Brasil pelos portugueses, durante o período da colonização do país. (Dicionariodenomespropios).

RELATOS ORAIS:

Informante 1: E. V. G., 75 anos, 26/05/2016.

PESQ: - O senhor mora na comunidade?

INF 1: - Não!(...) *Eu faço, eu faço parte!*

PESQ: - Qual o nome de tal comunidade?

INF 1: - *Moreira de Baixo.*

PESQ: - O senhor conhece a história desta comunidade?

INF 1: - *Mais, ou menos, por que, o meu avó morava ali na frente onde tem uma casa velha que é pertinho da rede. De baixo dela tem uma forma assim de uma casa velha, tem um resto de telha, em (...) cima. Ali era a casa do meu avô.*

PESQ: - Este avó do senhor morava no Moreira?

INF 1: - *No Moreira, é. A casa vizinha depois (...) era de meu pai só que foi vendido, naqueles tempos passados, então meu avô mudou-se pra Bahia, meu pai mudou-se pra Lagoa das Pedras ai fico no domínio dos outro.*

PESQ: - Quem teria sido o fundador do Moreira?

INF 1: - *O Moreira de Baixo? Bem a história que eu sei, ele era padeiro em Piranhas, mudou-se de lá pra cá, ai quando chegou aqui comprou esse terreninho.*

PESQ: - Quando questionado se quem teria comprado tal terreno, o qual foi citado pelo mesmo, teria sido o fundador?

INF 1: - *(...) Foi o fundador! Ai ficou acituado, fico, (...) foi criando, a família, e a família se emancipou. Ele chegou o tempo de morrer, todos nós chega o dia não é? Ai morreu e deixou a família, ainda hoje a família que tem ai quase tudo é descendente dele.*

PESQ: - Este era o bisavó do senhor?

INF 1: - *Bisavô também, era bisavô um de um lado e outro de outro. Ai as família foram se casando. (...) E é Manoel Lorentino o nome dele e a mulher Isabel.*

PESQ: - Este fundador teria dado o nome a esta comunidade?

INF 1: - *Eu acho que sim, né? Por que ele chegou comprou o terreno, foi o (...) primeiro habitante. (...) Então ele deve ter dado o nome né?*

PESQ: - Qual o motivo para tal nomeação?

INF 1: - *Bem, ai tem, o Moreira de Cima e tem a Malhada das Pedra, então o Moreira de Cima é (...) mais na frente e o Moreira de Baixo é essa parte aqui.*

PESQ: - Por qual motivo se deu a esta comunidade o nome de Moreira?

INF 1: - *Eu não sei dizer. (...) Eu só, (...) encontrei o nome Moreira de Baixo.*

PESQ: - A comunidade antes tinha outro nome?

INF 1: - *Teve não. (...) Nunca foi do meu conhecimento, e eu acho que não tem, não tem outro nome aqui.*

PESQ: - E sobre os primeiros moradores este entrevistado argumentou:

INF 1: - *(...) A mãe de minha, minha vó, o marido dela era da Serra de Itabor aqui em Olho D'Água das Flores vizinho a Olho D'Água das Flores, ai ele veio pra cá no ano de setenta e sete. Ele rapaz novo, e a mulher só tinha três filhos. (...) Um filho dele, (...) o*

fundador é outro! (...) Que o fundador é pai (...) da mulher que casou com esse um, que ele sendo da Serra de Tapor. Ai diz que lá chegou uns homens ai disseram a mulher, nós viemos buscar esse homem aqui, que houve uma morte, se ele não tiver culpa ele volta logo e se ele tiver culpa ele vai demora, um tempo! Levarão o homem ai ela ficou com três filhos, fico (...). O terreno dele, casa de farinha em cima da serra, o homem não apareceu ela perdeu a... Ai abandonou, em setenta e sete, quer dizer que setenta e sete para dois mil tem o que? Trinta e três anos né? Para dois mil e (...) cinquenta, já da oitenta e pouco né.[...] Dois mil e dezesseis tem cento e poucos anos né? Ai ela perdeu, ai saiu... Um filho homem que é meu avô e duas filha mulher, ela ficou nessa ribeira aqui, num tem uma ribeira grande aqui do Carié pra cá! ela desci aqui no Riacho Grande, ela ficou numa ribeira, ai lá o nome dela era: Maria Rita, agora o filho homem era João as filhas mulher: uma Dasdor, e a outra... a não estou (...) errado, as filhas eram (...) Dasdor e Maria e chamavam Maria Rita agora o nome dela eu não sei, João casou com a filha do Lorentino que é o dono disso aqui, do Moreira. (...) É João Lorentino, João Ribeiro casou com a filha de Manuel Lorentino, o dono disso aqui é Manuel Lorentino e João, que é meu avô, é casado com a filha dele, sabe? Ai casou-se, ai fico aqui, já no terreno do sogro. (...) Manuel Lorentino é o fundador. (...) Ai João casou com a filha dele, sabe, ai já tem uns cento e tantos (...) anos né? (...) Este terreno aqui foi do tempo do Barão, foi quem fez o documento deste terreno aqui, foi o finado, o finado pai daquela menina que tem a casa ali vizinho a aquele que vende cereais. A Canoa desce lado aqui, o finado, o finado que eu conheci muito ele... Esqueço o nome dele foi quem fez o documento da terra.

PESQ: - Houve mudança no nome desta comunidade após o reconhecimento de comunidade quilombola?

INF 1: - *Teve não, teve não, inda hoje é a mesma coisa.*

Informante 2: M. P. S., 67 anos, 26/05/2016.

PESQ: - O senhor sempre residiu nesta comunidade?

INF 2: - *É, eu viajei, uns tempo, mas só nascido e (...) criado aqui.*

PESQ: - Qual o nome da comunidade?

INF 2: - *Moreira de Baixo.*

PESQ: - Com relação aos motivos desta nomeação, este argumentou:

INF 2: - *Oi, ai, é já foi conversa (...). Que eu num não alcancei, mas pelo meu avô, ele disse que, aqui tem outro Moreira ali em cima, então (...) esse Moreira lá, (...) se chama*

Moreira de Cima, ai o pessoal que vieram pra qui acharam o nome bonito e colocarão esse nome aqui de Moreira de Baixo, por que o pessoal daqui era tudo pobrezinho, o de lá é tudo bem de vida né? Ai botarão lá Moreira de Cima e aqui Moreira de Baixo.

PESQ: - O Moreira de Cima, já existia antes deste Moreira Baixo?

INF 2: - *Já existia! Antes do Moreira de Baixo, o Moreira de Cima já existia!*

PESQ: - Quais os motivos para tal nomeação?

INF 2: - *Por causa disso, que eles acharam bonito, o nome de Moreira e colocaram o nome de Moreira, acharam bonito o outro Moreira, o nome de Moreira.*

PESQ: - Quem teria sido o fundador desta comunidade?

INF 2: - (...) *O fundador dessa comunidade, eles foram meus parentes, é quer dizer eles eram assim meu avô contava né? Eu escutei ele contando, que essa comunidade aqui começou, aqui, tanto aqui como a Lagoa das Pedras, o Sítio Cal começou tudo de uma vez só. (...) Por que eles vieram dois irmãos, assim meu avô contava, veio dois irmão não sei de onde, sei que eles chegaram ali pro lado da Lagoa das Pedras e ficarão lá, dois rapazes solteiros irmãos (...). Ai, ai fizeram uma casinha e ficaram morando os dois, ai um deles arrumou uma moça, ninguém sabe da onde, sei que ele casou com ela, ai ficou morando lá e o outro irmão solteiro ficou com ele lá na Lagoa das Pedra, ai lá depois, (...) o irmão dele arrumou (...) uma moça também e casou-se também, ai nesse, (...) intervalo eles já estavam criando, muito bicho né? Bode criação de ovelha esse negocio todo, mais bode, na época era bode! Criando bode, animais, outros tipos de animais domésticos, cavalo. Ai o irmão que já estava casado, disse: ó meu irmão, nessas terras aqui não mora ninguém, nós estamos só nós dois só aqui. Então ficar nós dois aqui juntos fica ruim para nós criar nossos bichos, então tú faz o seguinte, a terra é grande tem muita terra aqui, então você procure ai um outro lugar, procure ai um lugarzinho (...) onde você quer ir, onde você quer mora, perto de mim! E nós vamos fazer a sua casa pra você morar, nós (...) nos ajuntamos nós dois e nós fazemos (...). Ai ele disse tá certo eu vou percorrer a terra, ai ele procurou e se agradou-se desse lugar aqui, o Moreira, né? Ai ele se agradou-se ai disse eu achei acolá o lugar bom (...) deu morar ai, cria meus bichos, ai veio mora aqui né? Ai aqui ele fez morada! Fez morada aqui, e através deste, dele mesmo, ou eu não sei se foi ele mesmo ou se já foi os filhos dele que botou o nome, sei que botou esse nome no Moreira, por que achou o outro nome bonito mas aqui não morava ninguém, só esse pessoal mesmo né? Foi eles que botarão este nome no Moreira por aqui quando eles vieram pra qui não tinha nada aqui!*

Era só mata, (...)ninguém sabe! Quem foi, se foi o primeiro que veio ou se já foi os filhos ele que botou o nome.

PESQ: - Quem teria dado nome a comunidade?

INF 2: - *É! Ninguém sabe se foi o (...) primeiro que veio, ou se já foi os filhos dele.*

PESQ: - Por qual motivo foi colocado o nome Moreira de Baixo, qual o sentido do termo *Baixo*?

INF 2: - *Por que já tinha o outro Moreia de lá de Cima.*

PESQ: - A comunidade já teve outro nome?

INF 2: - *Não! (...) nunca houve outro nome, nela!*

PESQ: - E após o reconhecimento de comunidade quilombola, houve mudança no nome da comunidade?

INF 2: - *Não!*

PESQ: - Os primeiros moradores, desta comunidade eram negros?

INF 2: - *Eram! Meus, meus descendentes eram, (...) quer dizer estes que fundarão, o Moreira era! (...) Eram negros.*

PESQ: - De onde estes vieram?

INF 2: - *Negro sim, eles eram um pessoal moreno né? Bom meu pai disse que eles vieram, meu pai dizia que eles vieram daqui da banda de São José da Tapera, mas ninguém sabe direito, de onde é que eles eram.*

PESQ: - Estes primeiros moradores eram descendentes de escravos?

INF 2: - *Ai, ai eu, ai eu não sei não (riso).*

PESQ: - Mas sabe que eram negros?

INF 2: - *Eu sei que eles eram (...) um pessoal bem moreno, um pessoal negro mesmo! Que até hoje nós somos morenos né? Foi (...) a nossa descendência, mas ai, (...) eu não sei se eles foram escravos. Ai não tenho certeza.*

HISTORICO: Conforme os relatos orais coletados nas entrevistas, esta comunidade sempre teve este nome, não sendo registrado assim a presença de um topônimo anterior a *Moreira Baixo*.

Ficha 4- modelo de ficha lexicográfica adaptação de Dick, 2004.

4.4 Comunidade Cal

TOPÔNIMO: Cal.

TAXONOMIA: Litotopônimo.

LOCALIZAÇÃO: Água Branca, Alagoas.

ACIDENTE/humano: Sítio.

ORIGEM:

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: “**cal** **sf.** Substância branca, cáustica, obtida pela calcinação de pedras calcárias; óxido de cálcio.” (Ximenes, 2001, p.151).

RELATOS ORAIS:

Informante 1: E. V. G., 75 anos, 26/05/2016.

PESQ: - O senhor já morou nesta comunidade?

INF 1: - *Lagoa das Pedra! Que eu morava (...).*

PESQ: - E a comunidade Cal?

INF 1: - *O Cal! O Cal hoje tem esse nome de Cal por que botarão, mas é, de Lagoa das Pedra também. Só que as famílias foram crescendo e foram se acituando naquele lugarzinho, depois botarão o nome de Cal, por que até a cal hoje já se acabou-se, tem só nome, né?*

PESQ: - Qual o motivo de tal nomeação?

INF 1: - *Por que, naquele tempo, arrancava a pedra, queimava cal, fazia cal né? Ai o cal era exportado, assim através de burro, carro de boi e caminhão e a CHESF tirou muito cal daqui, quando estava fundando ela, que ela começou (...) em quarenta e oito, ai vinha as caçambas pegavam, (...) cal, era de quatrocentas caçambas. Sempre era aos domingos que era o dia mais apropriado que estava mais, estava parado. Então o tempo foi passando, foi passando, a cal foi desaparecendo, e hoje não existe mais cal. Ai o pessoal foi se acituando ali, as famílias, ai foram fazendo umas casinhas encostadas umas nas outras! E (...) foi botarão o nome de Cal. Só que cal não tem mais!*

PESQ: - A quanto tempo houve a mudança no nome desta comunidade?

INF 1: - *Esse (...) tempo tá pouco, tá com pouco tempo, se tiver, tá assim com um, uns dez ou doze anos que botarão o nome de Cal.*

PESQ: - Quando o senhor residia na Lagoa das Pedras, a comunidade Cal, já existia?

INF 1: - *Não existia!*

PESQ: - Só havia a Lagoa das Perdas?

INF 1: - *Era Lagoa das Pedra, só tinha o nome de Cal por que (...) tinha os fornos. Ai arrancava pedra queimava, ai chamava cal, (...) mas habitação não. Tinha casa, agora da Lagoa das Pedras.*

PESQ: - Quem teriam sido os fundadores da Cal?

INF 1: - *Já morreu! Já morreu. Tinha o finado Júlio. A finada Mari Dasdor, e a finada Ciça, finada Joaquina, Manoel Júlio, somente. Eram os mais velhos, já morreram.*

PESQ: - Foram eles que deram nome a comunidade?

INF 1: - *Foi não, foi esse pessoal novo que tá habitando agora.*

PESQ: - Foram estes que deram o nome?

INF 1: - *Foi, (...) quem deu o nome de Cal! Que tem um rebanhinho de casa encostada uma nas outras, uma aqui, outra ali, outra acolá, ai as família vai se acentuando! Vai se criando, e vão construindo ali. Ai botarão o nome, de Cal!*

PESQ: - Com relação aos habitantes da comunidade Cal, o entrevistado argumenta:

INF 1: - *(...) Eu sei que a maioria deles é tudo crioulo. E é tudo descendente do velho; (...) da velha que era uma (...) velha, que eu não sei o nome dela, não sei se era uma Manoela, velha Manoela, (...) que era a mais velha, a mãe (...) dos filhos dele, e ficarão habitado ali.*

PESQ: - E esta que o senhor cita, era negra?

INF 1: - *Era negra!*

PESQ: - Esta era casada com o fundador?

INF 1: - *Foi o fundador da Lagoa das Pedras! Ele viuvou, ai foi casou, novamente. Ai tinha a casa na Lagoa das Pedras, ele deixou a casa de lá com a filha. E fez outra casa cá em baixo, onde ele morreu. (...) Onde hoje é Cal!*

PESQ: - Ocorreu mudança no nome desta comunidade após o reconhecimento de comunidade quilombola?

INF 1: - *Nunca vi dizer.*

PESQ: - E esta que o senhor cita como uma das primeiras moradoras da comunidade Cal de onde ela veio?

INF 1: - *Bem é essa raça de (...) negro. É! Por que quando o veio viúvo e casou ai ela veio acompanhou ele (...). Ai fico, (...) até que morreu, mas sendo Lagoa das pedra, até que morreu; Ai foi onde deixou família né? É as famílias tudo crioulo preto (...).*

PESQ: - E de onde esta veio?

INF 1: - *Era lá em baixo no Craunã. É hoje terreno dos Baico, da Lagoa do Feijão.*

PESQ: - Neste lugar tinha muitos negros?

INF 1: - *Era, naquele tempo, era daquele pessoal veio tudo preto. (...) Tudo preto!*

PESQ: - Com relação ao homem que é apontado como fundador da *Lagoa das Pedras e da Cal* o informante, esclarece sobre sua primeira mulher:

INF 1: - *(...) ela era da Serra dos Gonçalves de Água Branca, ela era alva. Eu não vi! (...) Ai eu não vi, mas minha avó filha dele era alva, sabe? Uma senhora que ela morava ali debaixo da rede que passa hoje, era alva também, não é? (...).*

PESQ: - E depois ele casou com a outra?

INF 1: - *Ai foi misturou as família né? Um, (...) moreno com alvo, um alvo com moreno, (riso) ai um de cada lado né?*

Informante 2: J., 81 anos, 26/05/2016.

PESQ: - O senhor sempre viveu nessa comunidade?

INF 2: - *Não, (...) eu cheguei aqui, assim um rapazinho assim de treze anos, quatorze, pra cá né?*

PESQ: - Qual o nome desta comunidade?

INF 2: - *Aqui é sítio Cal!*

PESQ: - Como surgiu esta comunidade?

INF 2: - *Há essa comunidade aqui ô, (...) ficou assim por que; negocio ai de, do cal sabe? Para construir sabe? Ai foi se criando, desde o começo sabe? Dos, mais velhos, ai (...) fomos vivendo desse negocio ai, quando foi depois, hoje acabaram isso sabe? Com a folia de madeira, essas coisas assim, pra não destruir sabe?(...) Ai derrubarão forno, uma destruição né? Ai o povo ficarão tudo, desgraçado sabe? Foi quando chegou assim uns negocio de (...) aposento, desse negocinho (...) da bolsa família, essas coisas assim, mas se não fosse isso, o mundo estava desgraçado sabe? por que nesse tempo ruim, sem chover, eu acho que se não fosse esse negocio do governo, estava tudo, um bocado morto de fome, ou se não corria né? Quem podia! (...) Ficava tudo destruído, (...) pode dizer que foi uma destruição que fizeram. Eu não entendo, estavam até calvão, que é um negocio de pobreza sabe? (...) Não a cal acabou-se, cimento (...) ainda tem sabe? Mas desse que foi pó acabarão com tudo. Só falta acabar agora, que Deus há defenda o povo e nós, (...) Se acabar com esse negocio de aposento e essas coisas assim né? Ai o cara ou*

corre ou se não, vai morrer de fome. Por causa tem até lugar, (...) que ainda chove sabe? (...) Mas aqui em nós tá com negocio de seis anos sem dá uma chuvada boa, o ano passado agente fez plantação e muita gente não tirou nada.

PESQ: - Por qual motivo foi colocado esse nome na comunidade?

INF 2: - *Por causa da cal!*

PESQ: - Quem teria sido o fundador da comunidade?

INF 2: - *O fundador, foi o velho meu avô, comunidade dos mais velhos, era meu avô. (...) Era Francisco Ricardo.*

PESQ: - Quem deu nome a comunidade?

INF 2: - *Esse nome, acho que foi alguém que dizia assim; lá de fora sabe? (...) Diz assim: rapaz, vamos (...) pra cal, Vamos vê cal, ai pronto ai ficou, (...) pegarão esse nome cal sabe?*

PESQ: - Foram as pessoas deste lugar que deu nome a esta comunidade?

INF2: - *Não! foi os de fora. Vamos para o cal, vamos buscar cal ai ficou. (...) Vinha gente daqui de baixo, de riacho Grande. (...) esse neguinho, (...) de cabeça a fora, ele só queria vim buscar cal vamos para o Cal! Ai fico, mas estava um negocio parado sabe? (...) mais quando foi depois que os homens foram, foi crescendo. Só tinha o nome Moreira e Lagoa das Pedras, a Cal (...) não tinha não. (...) Tinha, mas, não acontecia nada. (...) Depois quando os prefeitos tomarão de conta, ai ficará conhecendo (...) um caba aqui, ai ficarão, junto com nós aqui, e era um prefeito muito bom ele, que era Zé de Dorinha, eu acho que vocês sabem?*

PESQ: - O senhor saberia informar se existe algum vinculo entre o nome desta comunidade, com os fundadores da mesma?

INF 2: - *Essa comunidade, foi o finado meu avô. (...) Meu pai, esse pessoal mais velho sabe? A família grande daqui pra sai na Lagoa das Pedras é uma família só.*

PESQ: - A comunidade já teve outro nome?

INF 2: - *Teve não! (...) Toda vida foi Cal! (...) Toda vida, desde quando... Desde os mais velhos, começarão a fazer a cal, que acharão o nome de Cal sabe? Mas não tinha prestígio né?*

PESQ: - A quanto tempo foi criada a comunidade?

INF 2: - *Oi tá com um bocado de tempo. Um não sei lhe dizer. Deve esta com uns (...) cinquenta anos.*

PESQ: - O senhor sabe que esta comunidade obteve o reconhecimento de comunidade quilombola?

INF 2:- *Não sei, não.*

PESQ: - Os primeiros moradores desta comunidade eram negros?

INF 2: - *Era, é tudo, tudo moreno sabe, sem ter negocio de, de preto e branco? Era tudo, a qualidade tudo morena.*

PESQ: - De onde vieram os primeiros moradores desta comunidade?

INF 2: - *Rapaz ele é daqui mesmo, nascido e criado aqui. (...) agora não sei pra traz. (...) Os primeiros de onde vieram. (...) Agora que quando eu cheguei já achei tudo aqui.*

HISTORICO: Segundo os dois entrevistados, o lugar que atualmente compreende a comunidade *Cal*, antes fazia parte da comunidade *Lagoa das Pedras*.

Ficha 5- modelo de ficha lexicográfica adaptação de Dick, 2004.

4.5 Comunidade Lagoa das Pedras

TOPÔNIMO: Lagoa das Pedras

TAXONOMIA: Hidrotopônimo.

LOCALIZAÇÃO: Água Branca, Alagoas.

ACIDENTE/humano: Distrito.

ORIGEM: portuguesa.

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: **lagoa:** “do latim lacuna de lacus,”. “**lagoa la.go.a sf.** Lago de pouca extensão.” (Ximenes, 2001, p.526).

pedra pe.drasf. **1.**Corpo ou fragmento duro, da natureza das rochas. **2.**Rocha. **3.** Lápide de túmulo. **4.** Mineral lapidado, usado e em joalheiria ou bijuteria. **5.** Quadro-negro. **6.** Pedaco de substancia sólida e dura. **7.** **Pedra de gelo.** **7.** Peça de alguns jogos de tabuleiro. **8.** Granizo. **9.** **Med.** Concreção calcária que se forma nos rins, na bexiga, etc..**10.** **Fig.** O que é duro, insensvel.” (Ximenes, 2001, p.659).

RELATOS ORAIS:

Informante 1: E.V.G., 75 anos, 26/05/2016.

PESQ: - Quanto tempo o senhor morou nesta comunidade? (este entrevistado hoje não mora nesta comunidade).

INF 1: - *Desde nascimento, só, que eu me afastei um tempo, alias dois tempo, um pouco. Um em São Paulo e outro eu trabalhei na CHESF uns tempos, mas sempre frequentava.*

PESQ: - Hoje o senhor não mora mais nesta comunidade?

INF 1: - *Não! Eu hoje moro no Craunã. (...) Mas faço parte.*

PESQ: - E a quando tempo o senhor não mora mais nesta comunidade?

INF 1: - *Eu num sei assim a data prevista, mas já tem assim uma media de uns, uns vinte e (...) uns vinte e seis anos, mais ou menos, mas eu frequento lá diretamente, diretamente eu frequento.*

PESQ: - Qual o nome da comunidade?

INF 1: - *Lagoa das Pedra?*

PESQ: - Quais os motivos para tal nomeação e quem teria dado este nome a tal comunidade?

INF 1: - *Lagoa das Pedra, o nome dela foi botado por causa de uma lagoa. (...) Que lá tem uma lagoa, a sim em frente, que tem muita pedra, (...) umas pedras grandes (...) nela, ai foi botado o nome Lagoa das Pedras por causa disso. Foi o meu bisavó que botou o nome, Manuel Ricardo dos Santos.*

PESQ: - Este homem que o senhor cita teria sido o fundador?

INF 1: - *Foi o fundador! Ele chegou nessa região, um rapaz novo. (...) Ai chegou a casar com uma moça da Serra dos Gonçalves de Água Branca. (...) Ai era vaqueiro do Barão, ai foi comprou o terreno, ai se acentou-se, no terreno e fico, (...) até quando chegou o tempo dele se separa de uma vida para outra.*

PESQ: - Foi este fundador que deu nome a comunidade?

INF 1: - *Foi, por que ele chegou rapaz novo.(...) Conforme eu sei, ele é de Saloá, Saloá é uma cidade, hoje é cidade né?(...) E fica no pé da Serra do Vento, a direita, quando vai pra Garanhões, tem um posto, ai tem a entrada a direita. Dizem que ele é de lá, veio rapaz novo e não voltou mais. (...) Motivo eu não sei, né?*

PESQ: - Esta comunidade já teve outro nome?

INF 1: - *No meu conhecimento, não.*

PESQ: - Havia negros nesta comunidade naquele tempo?

INF 1: - *Nessa época lá não tinha negro! Lá tinha esse cidadão, eu não vi ele, mas vi, filha dele, que era minha vó, ela era uma senhora alva, de presença né? Ai ela casou com um moreno. Então dividiu assim as qualidades da família né? Mas ela era alva, ela num tinha parte com esse tipo de gente, que ela era da Serra dos Gonçalves.*

PESQ: - O fundador desta comunidade era negro?

INF 1: - *A notícia que eu tenho, ele não era moreno, ele era um homem da cor bem aberta, não era galego, mas era assim uma pessoa transparente, a qualidade dele não era galego. (...) Não era preto e nem moreno, era bem aberta a cor.*

PESQ: - O senhor tá sabendo que esta comunidade tem o reconhecimento de comunidade quilombola?

INF 1: - *Bem! Cada dia vai passando, vai modificando as coisas, né? Vem uma tradição, que a gente nem tá esperando. Que gente não esperava que isso ia acontecer, mas já hoje já esta na programação, né?*

PESQ: - E houve mudança no nome da comunidade, após o reconhecimento de comunidade quilombola?

INF 1: - *Não, não ai quem quiser segui esse lado siga, e quem não quiser, que fique como esta né? (...) O nome é mesmo!*

PESQ: - Antes deste homem que o senhor esta citando chegar, já existia alguém neste lugar?

INF 1: - *Não existia, existia (...). Ele chegou rapaz novo. Foi trabalha pro Barão, numa fazenda aqui em baixo, no Craunã, ai com o tempo ele se prosperou-se, casou-se. Ai conseguiu (...) compra o terreno, que quando comprou o terreno foi toma conta do que ele tinha comprado e botou um filho no lugar que ele estava. Então o tempo foi passando, ai cada um tem seu destino até que separa a vida, humana para a morte.*

PESQ: - Não havia ninguém nesta comunidade antes deste senhor?

INF 1: - *Não tinha ninguém! Não tinha ninguém.*

Informante 2: A.V.B., 76 anos, 26/05/2016.

PESQ: - O senhor nasceu nesta comunidade?

INF 2: - *É nasci ali e vô morre aqui, (...) Entendeu! Não vou sai pra nem um canto né?*

PESQ: - Qual o nome da comunidade?

INF 2: - *É como eu disse é Lago das Pedra!*

PESQ: - Qual a motivação para o nome dessa comunidade?

INF 2: - *Por causa dessa lagoa aqui (...). Chama Lagoa das Pedras e outra lagoa mais nova, lagoa de Maria Rodrigue, (...) pra cá, mas aqui é Lagoa das Pedras.*

PESQ: - Quem teria sido o fundador?

INF 2: - *Manesinho Vaqueiro. Quem dizia, (...) quem começou aqui. Tendo fora (...) do pai de mãe velha de Joana Pinto. Quem vai decifra o que chegou aqui, ai é Manesinho Vaqueiro, por que eu num conheci ninguém desses (...).*

PES: - Quem deu nome a comunidade?

INF 2: - *Agora ai eu não sei explicar. Deve ter sido esse negocio de gente, das Pintas né?(...) As Pintas, Maria Serrote e Joana Pinto que é as duas, as duas cabeça, de meu alcanço elas. (...) Já, (...) o pai de meu pai que era, Antônio Serrote!(...) Eu estou num lugar dele bem dizer, por causa do nome né? Ele era do Sul, chegou aqui, ai se casou-se,(...) com mãe velha, a mãe de meu pai, casado com ela, agora pela parte do outro. (...) De Joana Pinto era do Moreira. Ai Manesinho Vaqueiro é que podia explicar como é esse negocio (...). Dele ai por que do Moreira, eu não explico eu não sei, ele é do Moreira, (...)! Agora eu não sei, de que família ele vem do Moreira.*

PESQ: - Esta comunidade já teve outro nome?

INF 2: - *Não acho que não. Desde quando eu me entende de gente que é Lagoa das pedras, que eu me lembro né?*

PESQ: - O senhor sabe do reconhecimento de comunidade quilombola desta comunidade?

INF 2:- *É, isso quilombola foi como (...) menino pesquisou no sei pra onde, descobriu (...).*

PESQ: - Houve mudança no nome desta comunidade, depois deste reconhecimento?

INF 2: - *Acho que não.*

PESQ: - Fico com o mesmo nome?

INF 2: - *É, continua sendo Lagoa das pedra.*

PESQ: - Os primeiros moradores desta comunidade eram negros?

INF 2: - *Pode bem dizer que era negro, assim pela foto de minha avó, Joana Pinto e minha avó como é,(...) Maria Serrote, Serrote não, me esqueço o nome, de minha vó Maria Serrote; tudo moreno! Devia ser o pai ou a mãe negro, deles ali né? Que é, (...) que descobriu, (...) o pai ou a mãe, dessa família ai né? Que começou aqui. E as casa*

mais velhas, tem cinco aqui, já caiu já... Cinco e olhar até menos, tinha aqui; Gabriel que veio por lá, com a família de cá.

HISTORICO: Segundo os entrevistados esta comunidade nunca teve outro nome.

Ficha 6- modelo de ficha lexicográfica adaptação de Dick, 2004.

4.6 Análise dos dados

Ao realizarmos uma decomposição das informações coletadas através das fichas lexicográficas, percebe-se uma múltipla dimensão ao correlacionar com as entrevistas semiestruturadas. A comunidade *Serra das Viúvas* é um topônimo que tem sua classificação taxionômica de geomorfotopônimo e sua origem é portuguesa. Com relação ao sentido do dicionário e etimológico podemos compreender que a realidade deste topônimo classifica-se no caso de *serra* é como algo referente à cadeia de montanhas com muitos picos e com relação à *viúva* esta é compreendida sendo mulher a qual o marido morreu e que ainda não se casou novamente, sendo esta comunidade um topônimo de origem portuguesa.

Os relatos orais ainda informaram certa particularidade referindo-se ao número de viúvas residentes no lugar, onde a primeira entrevistada argumenta que foi por causa de duas viúvas que havia na comunidade que se deu a nomeação, enquanto a segunda diz que eram três viúvas. Correlacionando estas informações logo compreendeu-se *Serra das Viúvas* trata-se de uma serra na qual haviam viúvas, ou de alguma forma tem alguma relação com viúvas, e que tal fato foi levado em consideração no momento da nomeação.

Sendo assim, mesmo havendo particularidades nos relatos, as duas entrevistadas entram em consenso em seus argumentos, quando expõem, como causa da nomeação, o fato deste lugar haver viúvas. Desta forma classifica-se como geomorfotopônimo, o qual sendo um acidente humano, a motivação do topônimo é de ordem físico, que é *serra*.

Com relação ao topônimo *Barro Preto* o mesmo tem sua classificação taxionômica como litotopônimo, de origem portuguesa. Onde barro é *pré-românica* e o preto *latim prettus*. O seu sentido denotativo e etimológico barro faz referência a *argila ou lama* e preto a *cor negra*. A motivação para o nome do lugar não é apontada pelas duas entrevistadas em seus relatos, estas não souberam afirmar os motivos da escolha de tal topônimo. A correlação das informações referentes a *origem* e as *informações enciclopédicas* do nome possibilitam compreender o sentido etimológico do topônimo. Mesmo não sendo informado pelos relatos orais o motivo de tal nomeação, é válido ressaltar que em algumas partes desta comunidade

apresenta solo caracterizado com um barro de cor preta. Assim, este topônimo na sua taxonomia classifica-se como litotopônimo, pois faz referência a um mineral.

Na comunidade *Moreira de Baixo*, a classificação taxionômica é um antropotopônimo por fazer referência ao nome de uma pessoa, tem origem portuguesa é associado a um sobrenome de família desta nacionalidade. Tem como significado “*aquele que vive perto de pé de amora*”. Com relação aos relatos orais foi possível constatar que este *Moreira de Baixo* surge depois do *Moreira de Cima* onde inclusive um dos relatos aponta que o motivo para tal nomeação foi pelo fato dos moradores deste *Moreira de Baixo* achar “bonito” este nome que já era empregado ao tal *Moreira de Cima*. Este lugar recebeu o nome de *Moreira* com o acréscimo do termo *de baixo*.

Hipoteticamente essas informações com base nos relatos orais, induz afirmar que o topônimo *Moreira de Baixo* tenha recebido tal nomeação por influência do chamado *Moreira de cima* que também é conhecido por *Moreira dos brancos*. Esta hipótese é confirmada na localização geográfica dos mesmos e na caracterização étnico racial, tendo em vista que o *Moreira de baixo* que é chamado também de *Moreira dos pretos* verifica-se uma população predominantemente negra e geograficamente localizado abaixo do *Moreira de cima*. Sendo assim, talvez o homenageado do topônimo da comunidade vizinha, a qual influenciou na nomeação deste topônimo analisado, teria sido alguém de origem portuguesa e depois os moradores do *Moreira de Baixo* o qual estamos analisando tenha resolvido o utiliza-lo também.

O topônimo *Cal* tem por taxonomia ser um litotopônimo, e seu sentido denotativo especifica-se como sendo substância branca a qual é extraída da calcificação de pedra calcária. Os relatos demonstram que esta comunidade recebeu tal nomeação em virtude da existência de jazida de pedra calcária e produção da cal, nesta localização. Então este lugar que pertencia a *Lagoa das Pedras* passa a ser chamado *Cal*. A análise das informações orais permitiu compreender que este topônimo, tem relação direta, entre o motivo de sua nomeação e o sentido etimológico desta palavra. Porém com relação a motivação do topônimo, não houve um consenso. Enquanto um dos entrevistados argumenta que teria sido as pessoas do próprio lugar, o segundo acredita que tenha sido pessoas de outras localidades que ao irem buscar o cal, faziam referência ao produto. Assim a taxonomia o classifica como um litotopônimo, por ser uma substância extraído de um mineral.

O topônimo *Lagoa das Pedras* na classificação taxionômica é um hidrotopônimo por fazer referência a uma lagoa, onde o nome lagoa é *latim lacuna de lacus* e pedra, de origem portuguesa; no seu sentido denotativo, lagoa refere-se a *um lago o qual tem pouca extensão* e pedra *algo duro da natureza das rochas*. Ao ser correlacionadas as informações orais, é

possível compreender, de acordo com o relato do primeiro entrevistado, que esta nomeação se deu por ser uma lagoa que tinha pedras sendo, pois Lagoa das Pedras. O segundo entrevistado também faz menção a esta lagoa na qual a pedras, como causa para tal nomeação, porém não entra em detalhes referentes a presença de pedras na mesma.

Com relação às comunidades que já tiveram outro topônimo isso foi registrado em apenas duas das comunidades analisadas sendo estas: *Cal* onde segundo relatos orais, antes o mesmo fazia parte da comunidade que também é objeto de estudo desta pesquisa a *Lagoa das Pedras*. O segundo caso é o do *Barro Preto* onde um dos relatos oral colhido, informa que a comunidade antes era conhecida por *Morrinhos*, e mais tarde passa a ser denominada *Barro Preto*.

Desta maneira foi possível observarmos com relação a taxonomia a presença de dois Litotopônimo, sendo estes *Barro Preto* e *Cal*. E um Geomorfotopônimo denominado *Serra das Viúvas*. Um Antropotopônimo, *Moreira*. E ainda um Hidrotopônimo, referente a Lagoa das Pedras.

Tabela referente a classificação taxionômica das comunidades analisadas

Barro preto	Litotopônimo
Moreia	Antropotopônimo
Cal	Litotopônimo
Lagoa das Pedras	Hidrotopônimo
Serra das Viúvas	Geomorfotopônimo

Tabela 2 – Da classificação da taxonomia

A tabela explicita a diferenciação dos topônimos encontrados na realidade de estudo investigada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da história das motivações e análise dos topônimos das comunidades remanescentes de quilombo analisadas (Barro Preto, Moreira, Lagoa das Pedras, Cal e Serra das Viúvas) foi possível observar as particularidades que compõem e identificam cada topônimo.

Referindo-se aos resultados oriundos da História Oral foram de fundamental importância na compreensão dos topônimos, tendo em vista que os relatos orais explicitaram a representação dos indivíduos das comunidades e como estes compreendem a identificação do lugar onde estão inseridos, principalmente quando conseguiram responder a indagação a respeito do motivo e origem da escolha de seu topônimo.

Nesse sentido, a correlação das informações coletadas nas entrevistas semiestruturadas e elaboração das fichas lexicográficas sistematizaram todas as informações obtidas, possibilitando responder aos questionamentos oriundos dessa pesquisa e cumprir com o objetivo geral de investigar através do estudo da Toponímia a história das motivações dos nomes das comunidades remanescentes quilombola do município de Água Branca- AL.

Durante a pesquisa de campo, algumas informações foram inquietantes, dentre elas podemos destacar a desinformação por parte de alguns entrevistados de que a comunidade era reconhecida como comunidade quilombola ou até mesmo a preocupação que esta regulamentação poderia desencadear em uma apropriação indevida das terras pelo governo. Em alguns casos, a necessidade de camuflar a origem negra. Um dos discursos significativo que comprovam isso é a necessidade de enfatizar que eram morenos e não negros, descaracterizando a genealogia oriunda da raça negra, ou seja, alguns insistem em mencionar que são de origem “alva” (se auto denominam de cor branca) ou outras vezes este discurso indenitário fica implícito. Entretanto é possível perceber a exceção da comunidade da Serra das Viúvas, a qual

é uma comunidade que já vem de um significativo processo na compreensão do fato de ser comunidade remanescente quilombola.

Diante do exposto esta pesquisa buscou uma compressão da História Cultural destas comunidades, numa perspectiva de *cultura* antropológica na qual de uma maneira macro é compreendido como sendo todo conhecimento que é adquirido pelo homem o qual é transmitido através das gerações. E de forma micro é todo o conhecimento, crenças e valores que é compõe a identidade de cada grupo social. Nesta pesquisa se mostra perceptível a partir das entrevistas com os moradores das comunidades analisadas, que a memória e o ato de nomear está intimamente ligado a sua identidade. Levando ainda em consideração que estas memórias são também ressignificadas em cada geração e ainda de forma individual.

Concordando com os argumentos de Rousso (2016), todos os indivíduos não irão compreender o passado da mesma forma e se expressar com os mesmos termos, pois ao passo que cada individuo em seus relatos traz a memória e identidade do lugar de seu pertencimento também cada um ressignifica estas memórias, tanto de forma coletiva quanto individual. E isso foi notado em todas as entrevistas, de maneira diferenciada em cada uma das mesmas, pois em cada comunidade os dois relatos sempre tinham certas particularidades em relação ao outro.

Com relação à comunidade *Serra das Viúvas* as duas informantes, sempre residiram na comunidade e atribuem a causa para a nomeação desta comunidade, a presença de viúvas que moravam na comunidade e que nem uma das duas INF, souberam de onde as tais viúvas vieram, porém a INF 1, argumenta que acreditava que estas, seriam uma viúvas que moravam perto da sua avó e que hoje já sabe de outra versão a qual diz que teria sido três viúvas que teria fugido de Lampião para a comunidade; evidenciando com isso em pequenos elementos a ressignificação da de forma individual. Com relação à questão de ser uma comunidade de remanescente quilombola a INF 1 argumenta que os primeiros moradores da desta comunidade eram negros e seria seus antepassados, e INF 2 argumenta que não sabe informar se os primeiros moradores eram negros e que não tinha parentesco com estes, porém argumenta que quando a comunidade foi buscar compreender sua história houve a tomada de consciência que esta comunidade era remanescente quilombola. Na análise das duas entrevistas ficou evidenciado, que as memórias destas sempre estão acessível a haver ressignificação, porém em ambos os discursos a uma clara consciência de sua identidade de remanescente quilombola de acordo com o que ficou perceptível no momento das entrevistas, isso é uma identidade compartilhada por toda a comunidade.

Na comunidade *Barro Preto* da mesma forma que a comunidade *Serra das Viúvas* as duas INF, sempre residiram na comunidade, porém nesta as duas INF, não souberam informa

o motivo pelo qual se deu tal nomeação, e acreditam que seus antepassados tenham sido um dos primeiros moradores, porém certeza com relação a quem fundou a comunidade não tem. Com relação à questão do fato da comunidade já ter tido outro nome as INF, tem discursos diferente, pois a INF 1, argumenta que e a comunidade antes eram *Morrinhos* e que não sabe o porquê da mudança, enquanto INF 2, argumenta que a comunidade sempre teve o mesmo nome e até expõe que talvez seus avôs tivessem dado nome a comunidade. Com relação a questões mais voltadas a comunidade ser remanescente quilombola a INF 1, argumenta que tem conhecimento desta realidade, dando ênfase a questão que antes isso não era do seu conhecimento, enquanto a INF 2, argumenta que não sabe se seus avôs foram os fundadores da comunidade porém seu pai eram de cor clara e apesar de argumenta que sabe do reconhecimento parece não compreender bem do que se trata tal reconhecimento.

A comunidade *Moreira de Baixo* o INF 1, mesmo nunca tido morado na comunidade tem um vínculo afetoso com a mesmo isto é perceptível no momento da entrevista onde o mesmo argumenta que nunca morou na comunidade mas que faz parte, e argumenta que um dos seus avôs teria sido o fundador desta comunidade, sendo pois estes argumentos que contribuíram para a validação do relato deste, referente a esta comunidade; e este acredita que talvez teria sido seu bisavô que teria dado nome a esta comunidade, porém não soube informar o motivo desta nomeação e acredita que esta comunidade nunca teve nome. Já o INF 2, sempre morou na comunidade e é enfático em afirmar que seu conhecimento referente a história da sua comunidade lhe foi transmitido pelos seus parentes evidenciando assim que sua narrativa faz parte de sua identidade enquanto pertencente a esta comunidade. Expõe ainda em seus relatos que teria sido seus antepassados os fundadores desta comunidade e que o mesmo era irmão do fundador da comunidade Lagoa das Pedras (que também é objeto de estudo desta pesquisa), então no primeiro momento estes dois teriam chegado à Lagoa das Pedras, porém depois que estes se casam e seus rebanhos aumentam um acaba ficando na Lagoa das Pedras e o outro resolve ir para o lugar que hoje é o Moreira de Baixo; argumentando ainda que comunidade nunca teve outro nome. Com relação aos motivos para a nomeação da comunidade e quem o teria realizado, o INF 2, argumenta que neste Moreira de Baixo teria sido o fundador ou os filhos que deram o nome a comunidade, pelo fato de achar bonito o nome de Moreira o qual já era entregue a uma outra comunidade que se encontra localizada a cima deste Moreira de Baixo, desta forma este outro Moreira é o Moreira de Cima e este que é objeto de estudo da pesquisa é o Moreira de Baixo, é ainda valido levar em consideração que o INF 2, argumenta que neste Moreira de Cima as pessoas eram segundo suas palavras “bem de vida” enquanto que

o no Moreira de Baixo as pessoas seriam bastante pobres, evidenciando com isso algo que até pouco tempo era a realidade de praticamente toda a comunidade remanescente quilombola.

No que se refere à comunidade Cal o INF 1, morou na comunidade Lagoa das Pedras no período em que a comunidade Cal ainda não existia, onde o lugar que hoje o compreende, fazia parte da Lagoa das pedras. O INF 1, argumenta ainda que os primeiros moradores eram todos “criolos” e citando o nome de algumas pessoas apontadas pelo mesmo como sendo os primeiros moradores desta comunidade, expõe ainda que seu bisavô teria sido o fundador desta comunidade que depois que ficou viúvo e casou novamente com uma negra e foi morar no lugar que hoje é o Cal (naquele momento todo o território fazia parte da Lagoa das Pedras) este entrevistado mesmo argumentando que até a não muito tempo estes dois lugares eram um só, parece querer a toda momento ressaltar certas diferenças na identidade das duas comunidades, inclusive buscando evidenciar de forma pejorativa que na comunidade Cal todos eram “Criolos” enquanto a Lagoa das Pedras seriam lugar de gente de cor “clara”. E com relação ao o INF 2, a mais de 50 anos reside nesta comunidade, pois teria chegado na mesma com 13 ou 14 anos. Os dois INF, são unânimes em argumentar que o motivo para nomeação nesta comunidade, é que neste lugar havia jazida de pedra calcária e os fornos para a extração da cal ou, seja havia uma pequena indústria e o comércio deste material o qual hoje não ocorre mais, então mesmo com certas diferenças em seus relatos, o motivo que estes apontam para tal nomeação é que por ser um lugar onde havia a produção da cal, com o tempo este passa a ir se diferenciando da Lagoa das Pedras e construindo uma identidade própria. Mesmo o INF 2, não tendo nascido no lugar parece ter bastante conhecimento da história do mesmo, pois argumenta que seu bisavô teria fundado o lugar e ainda em seu relato dá a compreender que não tinha um real conhecimento de que a comunidade era remanescente quilombola e atribui o fato deste lugar existir a certa ajuda do prefeito, porém esta informação parece evidenciar uma resignificação do passado pelas demandas do presente no sentido de atribuir a esta figura uma importância no processo de construção da comunidade Cal.

Na comunidade Lagoa das Pedras os dois INF, nasceram lá porém o INF 1, depois de mais de 50 anos vai morar em outra comunidade próxima mais parece ter estreitos laços com a comunidade, o INF 2, ao contrário nunca saiu deste lugar e argumenta que não pretende sair, os dois são unânimes em argumentar que esta comunidade tem como causa para sua nomeação uma certa lagoa que se encontra nesta, e que esta comunidade nunca teve outro nome, e o INF 1, ainda argumenta que nesta lagoa tinha umas pedras grandes e o mesmo ainda é enfático em argumentar que seu bisavô deu nome a comunidade e antes deste não morava ninguém. Já o INF 2, mesmo ainda morando na comunidade parece não saber informar muitas coisas sobre a

mesma porém sempre argumenta que é do seu interesse saber mais sobre as origens de sua comunidade revelando assim um sentimento de identidade e pertença, mesmo não tendo tido muito acesso a memória referente aos motivos para nomeação de sua comunidade. Os dois INF, sabem da existência do reconhecimento de comunidade remanescente quilombola, mas parece que não tem um entendimento muito profundo quanto a isso, revelando uma pertença muito grande em relação a comunidade e não uma auto identificação quanto a o fato de serem remanescente quilombola.

Algo bastante expressivo em praticamente todos os entrevistados é a questão de que sempre atribuem a seus antepassados, ou a fundação da comunidade ou a terem sido os primeiros moradores e em alguns casos estes ainda são apontados como sendo os nomeadores da comunidade esse é um forte indicio do sentimento de pertença e de identidade coletiva em relação às comunidades, porém o mesmo não é percebido com relação ao sentimento de auto reconhecimento e de pertença a comunidade remanescente quilombola, excerto o caso da comunidade Serra das Viúvas onde as entrevistadas parece já ter uma compreensão desta identificação, nas outras comunidades analisadas mesmo tendo certas variáveis o que predomina nos relatos analisados é que mesmo sabendo que sua comunidade tem este reconhecimento, não se tem um sentimento de identificação muito aprofundado do mesmo.

Propõe-se como aprofundamento deste estudo uma problematização das narrativas do sujeito pesquisado, principalmente no que se refere as comunidades Cal e Barro Preto, referindo se a comunidade Cal mesmo referindo-se a uma substancia de cor branca “os primeiros moradores eram crioulos”, o motivo da nomeação hipoteticamente pode ter sido uma tentativa de apagar a negritude do lugar, assim como o Barro Preto é de reafirma. Entretanto a comprovação de hipótese desta natureza requer mais pesquisa, escuta e diversidade documental.¹

¹ Sugestões do examinador interno da banca examinadora Professor Dr. Aruã Silva de Lima, realizadas em parecer.

REFERÊNCIAS

ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALVES, Francisco José (org). **TOPONYMY- The new enciclopedia britannica**. 15. ed. London: Enciclopaedia Britannica, 1994. 70.P, 11. V.

BURKE, Peter. **O que é História cultural?**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zaha, 2008.

CARVALHO, Francisco de Assis. **Entre a palavra e chão: toponímia e a estrada real**. 2012. 535 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/ do mundo**. São Paulo: fflch, 2007.

Dicionário Disponível em:

<<http://www.dicionariodenomesproprios.com.br/moreira/>> acessado em: 25 Jul. 2016.

Disponível em: <<http://www.iteral.al.gov.br/dtpaf/comunidades-quilombolas-de-alagoas/comunidades-quilombolas-de-alagoas>> acessado em: 4.Abr. 2017.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímia e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo de Estado. 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: **As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande, MS: UFMS, 2004.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de Estudos**. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína, coordenadoras. **Usos e abusos da História oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: editora FGV, 2006.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Entrando nos territórios do território**. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/nera/artigodomes/3artigodomes_2008.pdf> acessado em Jun. 2/2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo : Atlas, 2002

MASCARENHAS, João de Castro; BELTRÃO, Breno Augusto; SOUZA JUNIOR, Luiz Carlos de (org). **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea, estado de Alagoas**. Recife, 2005.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **De saberes e de territórios - diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana**. Disponível em <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/Carlos%20Walter%20Porto-Gon%C3%A7alves%20-%20De%20saberes%20e%20de%20territ%C3%B3rios.pdf>. 1 Abr. 2017.

SÁ, Fernando de Araújo; BRASIL, Vanessa Maria (org.). **Rio sem História? Leituras sobre o rio São Francisco**. Aracaju: FAPESSE, 2005.

SANTOS, Florisvaldo Fernandes dos. **Estudo toponímico do município de Barra das Garças, Mato Grosso**: contribuição para a altas toponímia de Mato Grosso. 2005. 100 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SEABRA, Maria Cândida da Costa. **A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais**: toponímia da região do Carmo. 2004. 368 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2004.

SANTOS, Cezar Alexandre Neri. **De Cirigipe a Sergipe Del Rey**: os topônimos nas cartas de sesmarias (1594-1623). 2012. 192 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, 2012.

XIMENES, Sérgio. **Dicionário de língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Ediouro, 2001.

APÊNDICE - Registros da pesquisa de campo

Fotografia 1



Figura 1 - (M.I,75, 09/08/2016).
Fonte: Arquivo Pessoal da autora

Fotografia 2



Figura 2 - (I.O.S,51, 09/08/2016).
Fonte: Arquivo Pessoal da autora

Fotografia 3



Figura 3 - (M.I,82, 02/08/2016).
Fonte: Arquivo Pessoal da autora

Fotografia 4



Figura 4 - (I.M.S,76, 02/08/2016).
Fonte: Arquivo Pessoal da autora

Fotografia 5



Figura 5 - (M.P.S,67,26/05/2016).
Fonte: Arquivo Pessoal da autora

Fotografia 6



Figura 6 - 2: J., 81 anos, 26/05/2016.
Fonte: Arquivo Pessoal da autora

Fotografia 7



Figura 7 (A.V.B,76, 26/05/2016).
Fonte: Arquivo Pessoal da autora

Fotografia 8



Figura 8 -(E.V.G,75, 26/05/2016).
Fonte: Arquivo Pessoal da autora